

Inês Cardoso Marques

**Turismo de Diálogo Intercultural
- O caso da simbologia e tipologia
cemiterial**

MESTRADO EM PATRIMÓNIO, ARTES E TURISMO
CULTURAL

Inês Cardoso Marques

**Turismo de Diálogo Intercultural
- O caso da simbologia e tipologia
cemiterial**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
MESTRE EM PATRIMÓNIO, ARTES E TURISMO CULTURAL

Orientação

Prof. Doutor Amândio Jorge Barros

MESTRADO EM PATRIMÓNIO, ARTES E TURISMO
CULTURAL

AGRADECIMENTOS

Como tudo na vida, são as pessoas que nos rodeiam que nos marcam e nos definem e inspiram ao longo dos anos, para além da nossa própria identidade e feitio, que temos sempre presentes no coração!

Sem delongas, quero agradecer primeiramente ao Dr. Alberto Mateus Magassela, conselheiro do Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural, que desde 2007 me deu a conhecer o Diálogo Intercultural e me fez apaixonar e me dedicar aprofundadamente pelo assunto ao longo destes 11 anos, quer académica como profissionalmente.

Agradeço imensamente ao Professor Doutor Amândio Jorge Barros, meu orientador, por toda a compreensão que teve para comigo nos momentos menos bons no decorrer desta dissertação e por toda a paciência e coragem que me transmitiu para que esta fosse possível de ser concretizada, graças ao seu profissionalismo, pragmatismo e atitude sempre positiva e motivadora.

Aos meus pais e irmãs, que nunca desistiram de mim e sempre me apoiaram nas várias questões académicas e profissionais, encorajando-me a ser e a fazer sempre mais e melhor.

Aos meus amigos, sem precisar de mencionar nomes, porque eles sabem o quanto me aturam e me dão forças para sonhar mais alto e nunca desistir.

Ao Doutor Hugo Monteiro, professor e amigo que sempre me acalmou e ajudou nos assuntos mais relacionados com questões académicas, desde a altura da minha licenciatura.

À Dr.^a Lisa Zaida Moss, amiga com uma força interior imensa que me ajudou a traduzir o resumo desta dissertação, com extremo profissionalismo.

Ao Guido Lisioli, amigo de longa data, que teve o prazer de se deslocar ao Cemitério De La Recoleta, em Buenos Aires, para tirar fotografias lindíssimas que eu pudesse usar nesta investigação.

Finalmente, porque a vida é mesmo assim, de pessoas fantásticas que nos vão enchendo a alma por pouco tempo que estejam na nossa vida, mas que nos marcam, a todos os professores que conheci na ESE enquanto estudava para obter o grau de Licenciada em Gestão de Património, bem como a todos os professores que tive o privilégio de ter aulas magníficas enquanto aluna de Mestrado de Património, Artes e Turismo Cultural, assim como aos meus colegas de curso de mestrado, amizades e inspirações que nunca hei-de esquecer!

O meu mais sincero e profundo “Obrigada”, por tudo!

E faço aqui, em família, uma confissão: me entristece o quanto fomos deixando de escutar. Deixámos de escutar as vozes que são diferentes, os silêncios que são diversos. E deixámos de escutar não porque nos rodeasse o silêncio. Ficámos surdos pelo excesso de palavras, ficámos autistas pelo excesso de informação. A natureza converteu-se em retórica, num emblema, num anúncio de televisão. Falamos dela, não a vivemos. A natureza, ela própria, tem que voltar a nascer. E quando voltar a nascer teremos que aceitar que a nossa natureza humana é não ter natureza nenhuma. Ou que, se calhar, fomos feitos para ter todas as naturezas.

(Mia Couto (2005), *Pensatempos*, p.123)

ÍNDICE

Resumo.....	I
Abstract	II
1. Introdução.....	1
2. Diálogo intercultural	5
2.1. Desafios do diálogo num mundo multicultural e estereotipado	12
2.2. Autonomia do diálogo intercultural	16
3. Identidade Cultural, Educação Cultural e Multiculturalismo.....	19
4. Turismo Cultural – Definição.....	23
4.1. Diversidade Cultural no Turismo Cultural – o caso dos cemitérios	27
5. Turismo Cemiterial ou Culto da Morte?.....	29
5.1. O culto da morte.....	33
6. Turismo de Diálogo Intercultural – O caso das simbologias e tipologias cemiteriais.....	36
6.1 Países onde pertencem os Cemitérios do Diálogo Intercultural	39
6.2 Breve apresentação dos cemitérios do Turismo de Diálogo Intercultural – o caso da tipologia e simbologia cemiterial	41
6.3. Mapeamentos do Turismo de Diálogo Intercultural – o caso da tipologia e simbologia cemiterial.....	53
6.3.1. Diálogo Intercultural da representação cemiterial de Cristo	54
6.3.2. Diálogo Intercultural da representação cemiterial de Anjos	56
6.3.3. Diálogo Intercultural da representação cemiterial da Mulher	58
6.3.4. Diálogo Intercultural da representação cemiterial de Bustos	60
6.3.5. Diálogo Intercultural de Esculturas tumulares	62
6.3.6. Diálogo Intercultural de Alto-Relevo cemiterial	64
6.3.7. Diálogo Intercultural de Jazigos Comuns	66
6.3.8. Diálogo Intercultural de Jazigos de Ferro Forjado	68
6.3.9. Diálogo Intercultural de Jazigos Ajardinados	70
6.3.10. Diálogo Intercultural de Mausoléus	72
6.3.11. Diálogo Intercultural de Ruas cemiteriais Ajardinadas	74
6.3.12. Diálogo Intercultural de Cemitérios-Jardim.....	76

7. Conclusões Gerais.....	78
8. Bibliografia	82
9. Anexos	91
Índice de anexos:	92
Anexo 1	93
Anexo 2.....	98
Anexo 3.....	107
Anexo 4.....	115
Anexo 5.....	121
Anexo 6.....	131
Anexo 7.....	140
Anexo 8.....	148
Anexo 9.....	154
Anexo 10.....	160
Anexo 11.....	166
Anexo 12	173

RESUMO

O Diálogo Intercultural é transversal a todos os grupos humanos, culturas e religiões, promovendo a coesão social e a paz mundial, cada vez mais importante no mundo de hoje e necessário no discurso e acções de todos os seres humanos.

Inserido na vertente do Turismo Cultural, que tem vindo a crescer e a diversificar as suas formas de acção, vamos efectuar uma análise que nos vai permitir uma reflexão sobre a potencialidade de um novo conceito de Turismo, cujo ponto primordial é o Diálogo Intercultural, matéria que já é de estudo desde 2008, dando como exemplo o caso da simbologia e tipologia de cemitérios.

Mediante as leituras e pesquisas efectuadas, vamos poder traçar mapas que promovem o Turismo de Diálogo Intercultural com incidência nos cemitérios, quer na sua simbologia quer na sua tipologia.

Esta pesquisa científica é concretizada usando o método científico de pesquisa explicativa, no qual se registam factos e se analisam, visando deste modo a estruturação e definição de outras possibilidades de visionamento do Diálogo Intercultural que possam ser relacionados e conseqüentemente aprofundados de modo a que haja futuramente uma visão sobre o tema bem mais alargada e coesa, fomentando a união dos povos através dos intercâmbios culturais e seu reconhecimento, bem como uma acérrima política de coesão de paz e que venham a ter alguma visibilidade e implementação ou criando outras ideias dentro da mesma base.

Palavras-Chave: Diálogo Intercultural, Turismo Cultural, Património, Artes, Identidade Cultural, Humanidade, Multiculturalismo, Coesão Social, Simbologia e Tipologia de Cemitérios,

Abstract

Intercultural Dialogue is transversal to every community, culture and religion, and promotes social cohesion and world peace, which is increasingly important in today's world and necessary in the discourse and actions of all human beings.

As part of Cultural Tourism, which has been growing and diversifying its actions, we are going to perform an analysis that will allow us to reflect on the potential of a new Tourism concept, which has Intercultural Dialogue as its focus, a theme that has been studied since 2008.

Based on the readings and research performed we will be able to create maps which promote the Tourism of Intercultural Dialogue, regarding both symbolism and its typology of cemeteries.

This scientific research is achieved using the scientific method of explanatory research, where facts are recorded and analysed, aiming to structure and define other visual possibilities of the Intercultural Dialogue that can be related and consequently in-depth to achieve future extended visions about this theme through the cultural exchange and its recognition, encouraging the union of the people, and also as a staunch peace cohesion politics that result in some visibility and implementation or in the creation of other ideas with a similar background.

Key Words: Intercultural Dialogue, Cultural Tourism, Patrimony, Arts, Cultural Identity, Multiculturalism, Social Cohesion, Symbolism and Typology of Cemeteries, World.

1. INTRODUÇÃO

Inserida no âmbito do Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural, esta dissertação trata, estuda e analisa o diálogo intercultural através da simbologia e tipologia cemiterial, que se enraizou ao longo dos tempos e se proliferou um pouco por todo o mundo. Nesta investigação vamos poder perceber como algo tão profundo como a arte do culto da morte se coaduna com a interculturalidade e as práticas de multiculturalismo, portanto, uma das bases do diálogo intercultural, clarificando como o Diálogo Intercultural poderá interagir por si só através do património existente, neste caso o património artístico e arquitectónico, através do Turismo Cultural.

A diversidade cultural não é um fenómeno novo. O tecido europeu conserva os sedimentos das sucessivas migrações intracontinentais, da redefinição de fronteiras, do colonialismo e dos impérios multinacionais. Ao longo dos últimos séculos, as nossas sociedades baseadas nos princípios do pluralismo político e da tolerância permitiram-nos viver com a diversidade, sem riscos inaceitáveis para a coesão social. (Livro Branco do Diálogo Intercultural; 2008: 16)

No mundo em crescente modernização e globalização em que vivemos, torna-se necessário pensarmos e aprofundarmos o nosso pensamento sobre a sociedade em que vivemos, quem somos, como aceitamos “o outro”, como interagimos mediante as inúmeras diferenças culturais dos que nos rodeiam e que vivem o dia-a-dia connosco, como dialogar sem criar juízos de valor à primeira vista apenas porque estamos “formatados” para a nossa cultura quando, na realidade presente, e desde sempre, as culturas se vão modificando, ganhando maior envergadura em certos aspectos e perdendo noutros.

Nas últimas décadas, a diversificação cultural acelerou-se. A Europa atraiu migrantes e requerentes de asilo do mundo inteiro que procuravam uma vida melhor. A globalização comprimiu o espaço e o tempo a uma escala sem precedentes, as revoluções no domínio das telecomunicações e dos meios de comunicação social, nomeadamente com o surgimento de novos serviços de comunicação como a Internet, tornaram os sistemas culturais nacionais progressivamente mais permeáveis. O desenvolvimento dos transportes e do turismo colocou em contacto directo um número inusitado de pessoas, multiplicando as possibilidades de diálogo intercultural. (Livro Branco do Diálogo Intercultural; 2008: 16)

Vivemos numa época onde a diversidade cultural é uma constante no quotidiano das diversas comunidades existentes, e isso também se reflecte na sociedade portuguesa tal como em todo o mundo. Precisamos compreender e aceitar esta diversidade cultural como um meio de entendimento universal de coesão social e humana, indispensável ao enriquecimento consciente e livre da mente e dos povos, porque está patente na nossa realidade social, económica, política e, conseqüentemente, turística.

Sabemos que temos conflitos por motivos raciais, religiosos, políticos, entre muitos outros, e que, para que haja um consenso geral e de paz, o diálogo intercultural necessita veementemente de criar laços mais fortes e enraizados. Num mundo marcado por constantes migrações vemo-nos confrontados com diversidade cultural em constante necessidade de ser revelada e pensada de acordo com as indispensabilidades do diálogo intercultural, ou seja, a interculturalidade e a inserção da política do multiculturalismo (discurso de coesão e manutenção de paz, bem como da aceitação e respeito pelas culturas do mundo).

O que passa é o acto exemplar e o que ele representou. Pode ser um acto quotidiano, mas capaz de provocar, em cada um de nós, uma mudança. Pela injustiça, pela perseverança, pela coragem geraram uma necessidade de agir.

Ou seja, não são as grandes biografias. Essas podem apenas limitar-se a assinalar a excepcionalidade. O quotidiano pode fazer nascer o desejo, a vontade de mudança. (Dulce Maria Cardoso; Igualdade – É Possível? É desejável?, Revista XXI Ter Opinião, Fundação Francisco Manuel dos Santos, Anual, Nº 8, 2017, p.53)

Nesta diversidade de culturas, é necessário pensarmos de forma mais abrangente, principalmente no que concerne aos que conosco vivem, trabalham, com quem criamos amizades, visitam a nossa cidade.

Assim, vamos tentar criar um novo conceito de Turismo Cultural que se baseia fundamentalmente no Diálogo Intercultural e que cujo caso que vamos aprofundar será na simbologia e tipologia de cemitérios, de forma a podermos correlacionar todos estes conceitos e torná-los um só.

Neste trabalho vamos falar sobre conceitos como diálogo intercultural, multiculturalismo, interculturalidade e turismo para podermos observar estas necessidades no turismo cultural, com um ponto de partida na cidade do Porto e captando simbologias mapeadas a nível internacional, procurar-se-á mostrar como o podemos entender ainda melhor através do Turismo de Diálogo Intercultural como uma possível nova abordagem e tipologia de turismo que ainda não se encontra desenvolvida no nosso mundo, mas que nos permitirá redimensionar o tema e percebermos como, de facto, todos nós nos familiarizamos e adoptamos elementos muito semelhantes, como o caso das esculturas de anjos, tipologias tumulares, capelas tumulares, jazigos de ferro forjado, esculturas de anjos e mulheres, entre outros, bem como a forma como enterramos os nossos entes queridos ou os cremamos.

Os museus e os locais históricos podem colocar em causa, em nome de uma humanidade comum, as narrativas selectivas que reflectem a predominância histórica de um determinado grupo étnico ou nacional e oferecer espaços de reconhecimento mútuo entre indivíduos de origens diversas. O estudo do património cultural da Europa pode servir de pano de fundo a uma cidadania europeia plural conforme às exigências da nossa época. As rotas históricas, continentais e transfronteiriças, da Europa, hoje redescobertas, com a ajuda do Conselho da Europa, no âmbito da rede de “itinerários culturais”, influenciaram a história das relações culturais e, ao longo de vários séculos, favoreceram as trocas interculturais. Estas rotas permitem aceder ao património multicultural da Europa e ilustram a capacidade dos seres humanos para viverem juntos, em paz e no respeito pela diversidade. (Livro Branco do Diálogo Intercultural.2008: 42)

Vamos apresentar 12 mapeamentos cujo ponto fulcral será evidenciar que existe Diálogo Intercultural através da simbologia e tipologia cemiterial, através das trocas interculturais efectuadas ao longo dos séculos. Não os consideramos como roteiros turísticos somente pelo simples motivo de sabermos que seria dispendioso percorrer 20 países em pouco tempo, mas também porque aqui não se trata de criar um roteiro de turismo de cemitérios, mas sim uma amostra mapeada do que o Diálogo Intercultural nos pode demonstrar. Portanto, propomos este conceito de Turismo de Diálogo Intercultural pensando no tipo de turista que gosta de conhecer mais aprofundadamente as culturas com que interage ao visitar outros países e o que possui de semelhante da sua própria identidade cultural.

Diversidade, diálogo, percepção de conceitos, adopção de práticas, percursos diferentes que poderão, ou não, conduzir a um mesmo caminho, a uma mesma forma de estar e sentir.

2. DIÁLOGO INTERCULTURAL

Num mundo culturalmente diverso torna-se necessário desenvolver novas visões sobre o diálogo intercultural que superem as limitações do paradigma do “diálogo entre civilizações”. Entre os requisitos para obter esse fim figura a análise sobre as diversas formas pelas quais as culturas se relacionam umas com as outras e uma maior consciência dos valores que partilham e dos seus objetivos comuns, para além de um inventário dos obstáculos a afastar para ultrapassar as diferenças culturais. (RELATÓRIO MUNDIAL DA UNESCO, 2009: 8)

O diálogo intercultural, a sua difusão e desenvolvimento – por exemplo, através da educação escolar e familiar bem como em conferências públicas e divulgação acrescida em todo o tipo de escolas, faculdades e institutos e sendo inclusivamente revelado na acção dos Consulados e Embaixadas - são um dos modos de promoção da coesão social e fomento do pluralismo, diálogo de culturas e o estabelecimento de uma cultura de paz com o objectivo de popularizar esta política multicultural dentro das políticas nacionais.

O ano de 2008 foi considerado o Ano Europeu do Diálogo Intercultural pela UNESCO. Nesse sentido, foi um ano intenso, durante o qual se realizaram vários Congressos, colóquios e todas as grandes entidades mundiais relacionadas com os variados contextos do diálogo intercultural e ajuda humanitária se envolveram, debateram e elaboraram um longo relatório sobre a diversidade cultural, a globalização e o diálogo intercultural, como por exemplo do Comité de Ministros do Conselho Europeu de onde surge o Livro Branco do Diálogo Intercultural, lançado pelos Ministros dos Negócios Estrangeiros do Conselho da Europa; em 2008, em Portugal, o ACIDI (Alto

Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural) coordenou o programa nacional que integrou um Website e mais de 500 eventos e projectos promovidos por entidades públicas e privadas de todo o país bem como a DGARTES (Direcção Regional das Artes; UNESCO através dos seus estudos e apresentação de relatórios como “Investir na diversidade Cultural e no Diálogo intercultural”; Cruz Vermelha Espanhola que apresenta “Una propuesta para trabajar la interculturalidade” na comunidade de Madrid em 2009; as Semanas da Interculturalidade do EAPN (Rede Europeia Anti Pobreza) desde 2008 até ao presente, quer em Portugal como no Brasil; entre muitos outros eventos relacionados com o tema, um pouco por toda a Europa. Porém, no ano de 2010, no Website da EUR-Lex é-nos fornecido o *Relatório da Comissão ao Conselho, ao Parlamento Europeu, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões - Avaliação do Ano Europeu do Diálogo Intercultural de 2008*, onde se chega à conclusão do seguinte:

A Comissão concorda com a avaliação global do Ano Europeu apresentada pelos avaliadores. O Ano Europeu foi sobretudo eficaz na sensibilização para as questões relativas ao diálogo intercultural, nomeadamente entre os decisores políticos, e em termos de mobilização das partes interessadas, sobretudo no sector das artes e da cultura. A avaliação do impacto nas atitudes neste domínio revelou-se mais difícil, tendo em conta o longo período de tempo necessário para que se produzam transformações sociais profundas e a complexidade de factores que influenciam estas atitudes.

Isto é, não basta apenas incentivar durante um ano para que sejam feitas estas sensibilizações, é necessário dar uma continuidade constante ao assunto para que efectivamente se mudem as mentalidades e respectivas atitudes, algo que pretendemos manter com outras visões sobre este tema.

Este é um assunto que tem vindo a ser cada vez mais necessário no mundo de hoje, não apenas por motivos da globalização e crescente modernização mas também por motivos de entendimento e compreensão da diversidade cultural, entendimento e compreensão das diversas culturas existentes e posterior diálogo de paz e coesão social mundial.

Existe literatura proveitosa sobre o assunto. Entre aquela que tivemos oportunidade de consultar e reflectir destacaram-se alguns trabalhos, tanto pela pertinência da matéria desenvolvida, como pelo facto de se tratar de textos de certa forma 'doutrinários', emanados de instituições com responsabilidades internacionais. Entre eles, “Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural – Viver Juntos em Igual Dignidade” da autoria do Conselho Europeu, entre outros, consideramos que todos eles nos remetem sempre para questões humanas essenciais ao desenvolvimento em harmonia do mundo em toda a sua amplitude e áreas de trabalho, quer a nível nacional, pelos emigrantes como a nível mundial. Este não é um tema matemático ou científico, é algo que diz respeito ao nosso modo de ver e viver a vida e deixar viver. Nem todos os autores conseguem aprofundar de forma assertiva tudo aquilo que concerne ao desenvolvimento e difusão do diálogo intercultural, não por existirem “barreiras” políticas, mas sim por ser um tema que tem de ser levado a cabo pelos governos e povos de cada país. Porém, uma vez que determinadas culturas possuem características demasiado enraizadas e “fechadas entre si”, torna-se por vezes muito difícil conseguir a consciencialização do povo para estas matérias de forma a conseguir um “alargamento de horizontes” das diferentes culturas. No entanto, é de relevar que as novas gerações têm vindo a demonstrar uma maior abertura e maior consciência destas questões, o que significa que um primeiro grande passo já foi dado com sucesso e agora cabe-nos poder desenvolver e tornar este tema

como um modo de vida nos vários prismas existentes. Ainda de referir que existe uma grande lacuna neste desenvolvimento e difusão principalmente junto da maioria da população, uma vez que não parece estar a ser aplicada de forma generalizada e acessível a todos mediante as pesquisas efectuadas em websites relacionados com Entidades Acreditadas, Fundações e outras entidades que falam sobre o diálogo intercultural.

Em Portugal as teorias são poucas; temos alguns estudos bastante reflexivos sobre a “nossa” situação, por exemplo, nos Cadernos do ISTA nº9 (Instituto São Tomás de Aquino, Lisboa), um texto de Luís de França e Romualda Fernandes onde se colocam questões e constatações por exemplo, sobre a forte pressão dos emigrantes vindos dos Países do Leste, apresentando as Leis que terminaram com a exclusão social e dando extrema importância ao trabalho e esforço concretizado pelo ACIME a favor da promoção dos direitos das minorias. Em 2008, na 5ª Semana Internacional da ESEC (Escola Superior de Educação de Coimbra), foi apresentado um texto/teoria de Susana Gonçalves que se intitula: “O Sentido do Diálogo Intercultural”, onde a autora inicia a sua análise com um pequeno texto que parece saído de um romance:

Dois viajantes que se encontram no cais e sem que se conheçam se reconhecem. Que deleite observá-los: sem precisar das mesmas palavras, da mesma cor de pele, dos mesmos símbolos divinos, nem da mesma ordem instituída, partilham pão e água e prosseguem caminho! O deleite que é saber viver num mundo que a todos pertence e a ninguém. (GONÇALVES, 2008: 2)

Susana Gonçalves fala-nos da guerra e da paz, das questões de sobrevivência e a forma como nos moldamos mediante as mais variadas situações dentro e fora da nossa própria sociedade e/ou comunidade e dos

mecanismos socioculturais e de socialização, culminando com o fomento dos mecanismos de protecção e preservação cultural e o fomento ao diálogo intercultural crescente baseando-se na importância desta para as gerações vindouras.

Mais recentemente, Paulo Finuras apresenta-nos um estudo e análise que na nossa opinião é muito pertinente e extremamente complexo sobre questões como as controvérsias e limites dos estudos e dos modelos interculturais, a cultura e o poder nas sociedades humanas e as diferenças culturais nessas mesmas sociedades cujos problemas comuns apresentam respostas diferentes, culminando no posfácio onde coloca a questão: “Cultura, economia e desenvolvimento humano em Portugal, que futuro?”.

A nível internacional são imensos os relatórios da UNESCO e do Comité de Ministros do Conselho Europeu, entre outros autores individuais, como C. Strauss no seu estudo “The cultural concept and the individualism – collectivism debate: Dominant and alternative attributions for class in United States “; D. Krebs em “Evolucionary games and morality”, entre outros, assim como alguns Jornais estrangeiros de Psicologia Social que nos vão proporcionando outras visões sobre o assunto e ajudando a ver ou rever algumas bases e princípios de desenvolvimento de diálogo intercultural, respondendo a algumas questões e levantando outras, cada vez mais complexas e intrínsecas ao nível da consciência humana.

“Diversidade Cultural” refere-se à multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram sua expressão. Tais expressões são transmitidas entre e dentro dos grupos e sociedades. A diversidade cultural se manifesta não apenas nas variadas formas pelas quais se expressa, se enriquece e se transmite o património cultural, mas também através dos diversos modos de criação, produção, difusão, distribuição e fruição das expressões culturais, quaisquer que sejam os meios e tecnologias empregados. (ONU, Convenção sobre a Protecção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, art.º 4, Nº 1, 2007)

As culturas não podem ser examinadas como entidades hirtas nem enclausuradas entre si mesmas. Mediante a Convenção sobre a Protecção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais da ONU (Organização das Nações Unidas) de 2007 e o Relatório Mundial da UNESCO de 2009, crê-se que uma das barreiras centrais que dificultam o diálogo intercultural se relaciona com o nosso costume de concebê-las como algo fixo e não susceptível de evolução.

As conexões culturais verificadas ao longo da história exteriorizaram-se em diversas formas e práticas culturais, desde os intercâmbios e importações culturais (como o caso, por exemplo, dos estilos artísticos como o Renascimento e o Neoclássico, que proliferaram um pouco por todo o mundo quer a nível arquitectónico como na escultura e pintura) à imposição, por vezes forçada, de valores culturais por meio da guerra, das conquistas e até da colonização - não impeditivo, inclusive no caso extremo da escravatura, foram produzidos intercâmbios que, mediante certos processos concretos de aculturação inversa, acabam por ser apreendidos pela cultura dominante -, como por exemplo o caso das homenagens funerárias dos soldados desconhecidos, existentes um pouco por toda a Europa, bem como iremos poder observar, no que diz respeito ao culto da morte que, quase em todo o mundo, se sente e se pratica da mesma forma.

E é aqui que entramos no caso das simbologias e tipologias cemiteriais, uma vez que vamos poder observar que, em variados países que constam nos mapeamentos que vamos apresentar, possuímos Diálogo Intercultural de um modo muito enraizado, que nos ajuda a entender que temos mais em comum do que às vezes pensamos e que sempre existiu o intercâmbio e a partilha de conhecimentos artísticos e culturais.

No entanto, hoje, o reconhecimento da natureza universal dos direitos humanos permitiu, ainda que de forma bastante teórica, que se possa pensar em verdadeiros intercâmbios em circunstâncias de igualdade entre todas as culturas do mundo.

Ainda observado no Relatório Mundial da UNESCO, os processos de globalização que existem no presente cooperam para que sejam originados encontros, importações e intercâmbios culturais de modo mais constante. São estes novos vínculos transculturais que podem facilitar notavelmente o diálogo intercultural. O reflectir sobre as nossas categorias culturais, admitindo as múltiplas fontes da nossa identidade, contribui para se deixar de insistir nas diferenças e, por sua vez, prestar atenção à nossa capacidade comum de evoluir mediante a interacção mútua, como é o presente estudo sobre a ligação do diálogo intercultural com o caso da simbologia e tipologia cemiterial, criando um novo conceito de turismo que alberga estes temas, é ponto central da análise que se segue. A sensibilização para toda a história universal e respectiva compreensão dos códigos culturais reveste-se de uma importância determinante para a superação dos clichés culturais no trajecto do diálogo intercultural.

2.1. DESAFIOS DO DIÁLOGO NUM MUNDO MULTICULTURAL E ESTEREOTIPADO

Os riscos do não diálogo devem ser cabalmente analisados. A ausência de diálogo contribui, em grande medida, para o desenvolvimento de uma imagem estereotipada do outro, para o estabelecimento de um clima de desconfiança mútua, de tensão e de ansiedade, para a utilização das minorias como bodes expiatórios e, no geral, para o favorecimento da intolerância e da discriminação. (Livro Branco do Diálogo Intercultural. Pág.20)

As pressões interculturais têm vindo a mostrar de modo continuado uma relação contraída com conflitos de memórias, interpretações divergentes de acontecimentos passados e disputas de valores quer a nível religioso, político, económico bem como em todos os “poderes” criados pelo Homem (petróleo, territórios, economia, política, religião, entre outros). Como podemos observar pelas leituras acima referidas, entre outras que apresentamos no decurso desta dissertação, nos casos em que o diálogo não é excluído pela vontade do poder e do domínio, este conserva-se como chave para resolver essas incompatibilidades enraizadas e abarcar as suas expressões de poderes, muitas das vezes observada com extrema violência, como o exemplo da xenofobia, machismo e racismo. A fórmula cultural que todas as sociedades multiculturais deveriam estabelecer é a de tornar conciliável a protecção, o respeito e o reconhecimento das características culturais próprias, convertendo-se numa força impulsora do renovamento da unidade de cada nação, baseada numa concepção da concordância social como anexação da diversidade dos seus elementos culturais.

O diálogo intercultural conta sobretudo com as aptidões interculturais que preconiza e concretiza, assentes como o agrupado de capacidades

imprescindíveis para um relacionamento harmonizado com os que não conseguem protagonizar os papéis necessários a um bom discurso sobre o tema, como o caso de programas educativos e de sensibilização, criação de espaços de diálogo abertos a todos, actividades culturais que facilitem a descoberta de novas expressões culturais, a mostra de que temos no mundo criações que são tão semelhantes quanto aquelas com que nos identificamos como indivíduo no nosso país (neste último, o nosso caso específico da simbologia e tipologia cemiterial é um dos exemplos), conferências e colóquios sobre o tema, entre outros. Essas competências são de natureza substancialmente comunicativa, mas compreendem de igual modo a reconfiguração de pontos de vista e concepções do mundo, já que são as pessoas (os grupos e indivíduos com as suas múltiplas expressões e inúmeras complexidades), menos que as culturas, que participam activamente em todo o processo de diálogo, como no nosso caso, os escultores tumulares e arquitectos que fizeram com que os cemitérios se tornassem obras de arte ao ar livre e de entrada gratuita, cada um com as suas histórias e belezas ainda hoje mantidas.

As actividades culturais facilitam a descoberta de expressões culturais diversas e, deste modo, contribuem para a tolerância, a compreensão mútua e o respeito. A criatividade cultural pode favorecer fortemente o respeito pela alteridade. As artes são, também, um terreno de contradição e de confrontação simbólica, que permite a expressão individual, um local de auto-reflexão crítica e de meditação. As artes perpassam fronteiras, estabelecem conexões e falam directamente às emoções das pessoas. Os cidadãos que participam em actividades culturais criam novos espaços e novas possibilidades de diálogo. (Livro Branco do Diálogo Intercultural. Pág.41)

O diálogo intercultural com êxito depende, não só do conhecimento dos outros como também da humildade, da empatia, da capacidade básica de ouvir e da hospitalidade. Não há qualquer dúvida quanto ao facto de a criatividade e a arte fornecerem prova de que a criatividade e a arte são provas das formas de engrandecimento recíproco e da profundidade e maleabilidade das relações interculturais, assim como proporcionam, para além de colaborarem, a contrariar as identidades “fechadas” e a fomentar a pluralidade cultural. Igualmente podem ajudar a vencer barreiras criando momentos de uniformidade e diversão urbanas, são as práticas e os eventos multiculturais, como os casos dos festivais culturais e das tradições mundiais como os carnavais, as passagens de ano e o simples acto solene de um funeral, por exemplo.

Baseando-se no facto de que ao contemplarmos os testemunhos da nossa humanidade em comum (como o caso dos cemitérios) e de que, o que nos diferencia pode também contribuir para nos unir, uma vez que as lembranças (memórias) divergentes têm sido causa de muitos conflitos ao longo da história, e ainda que por si só, o diálogo intercultural não possa resolver todos os conflitos políticos, económicos e sociais, o Relatório da UNESCO considera que um dos elementos-chave do êxito do diálogo consiste na criação de um acervo de memória comum que possibilite o reconhecimento das faltas cometidas e um debate aberto sobre recordações antagónicas. É a expressão de uma versão comum da história que pode revelar-se decisiva para a prevenção de conflitos e para as estratégias a reconhecer no pós-conflito, dilapidando um passado que permanece presente nas memórias, surgindo assim a ideia de criar o Turismo de Diálogo Intercultural usando como caso exemplar a simbologia e tipologia cemiterial, onde podemos observar mais de perto as variadas questões de carácter conflituoso e discriminatório (caso da

separação de sepulturas entre católicos e judeus, por exemplo) bem como percebermos que mesmo nessas alturas, as simbologias cemiteriais possuíam as características afectuosas e de boa-fé, inclusive até nos cemitérios que separavam as alas dos católicos e dos judeus ou ciganos ou famílias bem conceituadas.

2.2.AUTONOMIA DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

A autonomia do diálogo encontra-se a partir do momento em que já não necessitamos de o estudar ou de o aprender. É quando de repente o praticamos no nosso quotidiano, desde que vamos tomar um café e cumprimentamos o funcionário que nos serve até ao momento em que estamos em família ou amigos que possuem as mesmas características de discurso de bom convívio e harmonia social. É como se de repente o diálogo intercultural fosse uma espécie de tradição e fé, que passa de geração em geração, e vai crescendo tanto dentro como fora da comunidade.

Ainda reportando-nos ao relatório já acima mencionado, concluímos que a promoção do diálogo intercultural converge em grande parte com a abordagem de identidades múltiplas, como caso dos cemitérios que possuem não apenas uma tipologia de cemitérios-jardim mas também possuem estátuas representativas de anjos e que podemos encontrar em cemitérios de, pelo menos, 20 países. Com este exemplo podemos dizer que dever-se-ia observar o diálogo como algo dependente do conhecimento que temos de nós mesmos e da nossa competência de passarmos um conjunto de referências culturais, sociais e identitárias a um outro, tanto no nosso dia-a-dia bem como a nível educacional, proporcionando aos povos um maior conhecimento da vida que une um mesmo género: o Humano; de modo participativo e activo, ganhando as competências necessárias para poder tanto usufruir como partilhar essa mesma aprendizagem.

Em sociedades multiculturais cada vez mais complexas, a educação deve auxiliar-nos a adquirir as competências interculturais que nos permitam conviver com as nossas diferenças culturais e não apesar delas. [...] (aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a viver em conjunto) somente podem aplicar-se com êxito se a diversidade cultural for seu elemento central. (Relatório Mundial da Unesco.2009:15)

Ainda de acordo com este relatório, o diálogo intercultural exige a fortificação da autonomia de todos os envolvidos mediante a atribuição de capacidades e projectos que facilitem a interacção sem detrimento da identidade pessoal ou colectivo. O êxito para um processamento de diálogo intercultural produtivo está no reconhecimento da igual honra dos participantes. Subentende reconhecer e respeitar as diferentes formas de conhecimento e os costumes e tradições dos participantes, os seus modos de expressão, e os empenhos por empregar um contexto culturalmente neutro que confie o diálogo e que permita às comunidades expressar-se de um modo livre, como aqui abordamos o culto da morte que independentemente do facto de haver outras formas de homenagear os parentes falecidos, em quase toda a parte do mundo, o sentimento de tristeza e perda de um ente querido é sentido da mesma forma.

É necessário preservar a diversidade linguística mundial como condição necessária da diversidade cultural, ao mesmo tempo que se promove o plurilinguismo e a tradução, de modo a fomentar o diálogo intercultural. (RELATÓRIO MUNDIAL DA UNESCO.2009: 16)

A autonomia do diálogo transforma-se num discurso autónomo quando dentro da mesma sociedade, e até através das redes sociais e medias, encontrarmos cada vez mais grupos que se unem pela valorização do ser humano e da interculturalidade. Quando nas mentalidades já se encontra

enraizado o discurso de coesão de paz e diálogo e aceitação mútua das culturas, onde já se torna indispensável o bem-estar geral das comunidades, e não o conflito entre as mesmas, e tudo sem políticas pelo meio, apenas vontades humanas.

3. IDENTIDADE CULTURAL, EDUCAÇÃO CULTURAL E MULTICULTURALISMO

Identidade cultural, educação cultural e multiculturalismo são conceitos bastante definidos, com objectivos muito específicos e que convergem e interagem entre si necessariamente e quase que obrigatoriamente uma vez que, sem o uso e a prática intercalada destes conceitos, queremos uniformidade ou conformidade, ou ainda articulação e respeito, acima de tudo, pela diversidade – cultivando, mesmo, essa diversidade com as outras comunidades envolventes e que cujos valores e costumes são a identidade deles, e o respeito mútuo e a educação para esse mesmo respeito depende em larga escala pela compreensão e pelo saber do multiculturalismo, como vamos aprofundar neste capítulo. As identidades culturais são, e sempre foram, resultados fugazes e continuamente transitórios de processos de identificação cultural e antropológica. Mesmo as identidades que parecem ser mais sólidas – homem, mulher, país de origem, entre muitos outros – possuem os choques temporais de identidade que está em constante processo de transformação a cada época que passa, em suma, são identificações em curso constante.

De acordo com o exposto por Boaventura de Sousa Santos, o conceito de identidade cultural está implícito na sua pluralidade, sendo dominado pelo carácter obsessivo da diferença e distinção hierárquica que varia mediante as variadas culturas existentes. De um modo geral, se olharmos à nossa volta enquanto passeamos pelas ruas, por exemplo, podemos encarar a nossa identidade de várias formas: pelos ícones existentes na nossa terra, pelo tipo de educação incutida através dos nossos pais e escola, ou seja, educação

informal, dada pelos pais e familiares no dia-a-dia e em eventos familiares como aniversários, festas de Natal, Carnaval, passagem de ano e educação formal, na escola, onde iniciamos o nosso caminho na sociedade em que nos inserimos e começamos a aprender a nossa língua, história, o mundo, e onde inicializamos a nossa sociabilização com os alunos e os professores, pelos símbolos que representam o nosso país – quer sejam artísticos, literários, arquitectónicos, paisagísticos, locais de culto como os cemitérios, e outros –, pelo percurso académico e profissional, através das contextualizações sociais em que nos inserimos, entre muitas outras.

A identidade é um processo histórico e social que reflecte as mudanças no mundo em geral e que tem repercussões na evolução e caracterização da mesma, universalizando-a. É aqui que também se prende a criação do conceito de Turismo de Diálogo Intercultural com o caso da simbologia e tipologia cemiterial, tendo em conta que é na universalização da consciência humana que vamos encontrar o que mais nos une e que possuem a mesma carga simbólica, histórica e social.

No entanto, sabemos também que, para que haja aceitação plena das diversas identidades culturais existentes, é necessário que seja aplicada uma educação multicultural que enfrente os conflitos gerados por questões políticas, económicas e étnico-culturais, e que combata as discriminações e preconceitos existentes de modo a que se aprenda e apreenda cada entidade cultural a saber acolher e conviver com as diferenças culturais e a pluralidade, como podemos ver evidenciado no texto de Ana Canen, Educação multicultural, identidade nacional e pluralidade cultural: tensões e implicações curriculares (2000):

Fala-se, por exemplo, que se deve “aprender a posicionar-se de forma a compreender a relatividade de opiniões, preferência, gostos, escolhas, e aprender a respeitar o outro”[...] Da mesma forma, aponta-se que “compreender que diferentes etnias desenvolvem diversas formas de organização de festas e celebrações [...] permite [...] a aproximação que o adolescente pode fazer de sua própria vivência”[...] (CANEN, 2000:145)

Torna-se ainda um assunto de maior relevo depois do aparecimento da Globalização porque, concentrado numa estratégia mundial para um mercado mundial e padronizado, onde, numa perspectiva positiva, graças ao avanço constante da informática, tecnologia e media, o mundo acelera no intercâmbio cultural e adopta as feições e as marcas da multiculturalidade e da diversidade cultural, desafiando os povos a desenvolver a capacidade de conviver em harmonia com as diferenças culturais e a sua diversidade.

Apesar de tudo, nesta Globalização, no que diz respeito aos intercâmbios culturais, não podemos deixar de frisar que esta contribui não apenas positivamente mas também de forma negativa no que concerne à promoção da discriminação, racismo, xenofobia, extremismos religiosos, exclusão social, económica e étnica, entre outros, acabando por atingir os grupos mais delicados (como o caso das poucas tribos e comunidades étnicas existentes em África e na Índia, na Amazónia, Mongólia, Iraque, Coreia do Norte, entre outros).

Considera-se assim urgente o combate à opressão, a contenção da propagação dos racismos e reavivar as consciências dos Direitos Humanos de modo a que se garanta o direito à vida, à pluralidade, às diferenças culturais e ao diálogo assente na perspectiva de coesão social e paz, como podemos ver explícito no texto de Maria José da Silva e Maria Lima Brandim, *Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural* (2008):

[...] o multiculturalismo é uma estratégia política de reconhecimento e representação da diversidade cultural, não podendo ser concebido dissociado dos contextos das lutas dos grupos culturalmente oprimidos. (MARIA JOSÉ DA SILVA e MARIA LIMA BRANDIM, 2008:60)

As múltiplas culturas existentes e a pluralidade de identidades em convergência com as relações de poder assimétricas permitem que se gere a indispensabilidade de questionar e de desafiar práticas que tornam como que mudas as identidades culturais. Cabe ao mundo usufruir das várias hipóteses do multiculturalismo ensinar que conviver com as diferenças necessita do reconhecimento das mesmas, garantindo e afirmando as suas identidades e do direito da existência e morte com dignidade humana.

4. TURISMO CULTURAL – DEFINIÇÃO

O turismo é um fenómeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma actividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, económica e cultural. (De la Torre; 1992:19)

Segundo Barretto (2006) são variadas as definições de turismo que têm surgido ao longo dos anos, tendo em conta que os elementos mais importantes de todas as definições são: o tempo de permanência, o carácter não lucrativo da visita e a procura do prazer e usufruto do turista, de livre e espontânea vontade.

O turismo compreende as actividades desenvolvidas por pessoas ao longo de viagens e estadas em locais situados fora do seu enquadramento habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, para fins recreativos, de negócios e outros (Organização Mundial do Turismo;1991)

De acordo com a Organização Mundial do Turismo, o turismo é um dos primordiais sectores socioeconómicos, cultural, político e ambiental a nível mundial, considerando que a indústria do turismo é das que estão em maior crescimento na Europa e no mundo. Facto é que em qualquer entidade que reúna estatísticas sobre o assunto, como o Instituto Nacional de Estatísticas, revistas generalistas ou da especialidade, ou ainda publicações de outro género (Revista *Visão*, Canal televisivo *National Geographic*, entre outras), se afirma que o turismo está em constante crescimento e que a oferta e a

procura de turismo cultural se torna cada vez mais evidente e necessária ao desenvolvimento socioeconómico dos países.

[...] é uma forma de contacto intercultural do tipo “aculturação”. A aculturação é um mecanismo de mudança que consiste no contacto entre duas ou mais culturas. (Xerardo Pérez, P.23)

Podemo-nos arriscar ainda a dizer que é mais do que visível esta realidade turística, baseando-nos nos últimos sete anos, apontando como exemplo a cidade do Porto, por exemplo, onde cada vez mais proliferam as empresas de fornecimento de pacotes de férias com roteiros turísticos culturais, bem como se viu crescer exponencialmente o número de casas e apartamentos de aluguer, o aumento de restaurantes *gourmet* e/ou de especialidades típicas portuguesas, assim como o nascer de dezenas de bares na zona da baixa portuense e lojas de *souvenirs* e artesanato popular, tradicional e comercial.

O turismo cultural no sentido mais amplo seria aquele que não tem como atrativo principal um recurso natural. As coisas feitas pelo homem constituem a oferta cultural, portanto turismo cultural seria aquele que tem como objetivo conhecer os bens materiais e imateriais produzidos pelo homem. (Barretto, 2006)

Concordando com Moletta (1998), o turismo cultural é o acesso a um património cultural, como o caso dos cemitérios, isto é, à sua história, à sua cultura e ao seu modo de viver de cada uma das cidades, comunidades e locais. Assim, no turismo cultural não se trata apenas da busca do lazer e do repouso, mas também se caracteriza pela vontade de cada turista em conhecer os locais e regiões onde possa conhecer a história daquele lugar e do povo que nele habita, os seus costumes e tradições, as suas formas de viver e contar o seu passado e a sua cultura. O turismo cultural encontra-se

então com a função de estimular os factores culturais de cada lugar, fomentando os próprios locais a reunir meios e recursos para criar novos métodos de atracção turística e deste modo poder aumentar o desenvolvimento económico desse mesmo lugar.

Da sua “pré-história” elitista e incipiente, anotada a partir de fins do século XIX, até sua viragem massiva após a Segunda Guerra Mundial, proporcionada por um conjunto de disposições económicas, tecnológicas e sócio-culturais que foram se constituindo paulatinamente nesse lapso temporal, o turismo se espalhou pelos mais diversos rincões do mundo, reconfigurando e re-localizando os mais distintos espaços sociais. E nesse processo ele próprio foi se alterando de forma cada vez mais intensa, apresentando uma miríade de variações motivacionais, de derivações simbólicas, de usos do espaço e, por consequência, de novas disposições atitudinais dos turistas, dotado que é de um carácter altamente mutante e adaptativo. (Citação de Santana Talavera, 1997, por Xerardo Pérez, P.6)

A cultura é então considerada como uma atracção turística que possui uma carga económica e social de interesse global, que permite o contacto directo com diferentes culturas, ambientes, pessoas, vidas, tradições e ambientes, criando novas experiências e a troca mútua de conhecimento entre quem visita e quem é visitado. Portanto, podemos confirmar que se trata de verdadeiro diálogo intercultural, cada vez maior e mais intenso, ou pelo menos ajuda a fomentar este mesmo diálogo.

A Organização Mundial do Turismo define o turismo cultural focando-se nas causas motivacionais do turista, que inclui essencialmente as viagens de interesse exclusivamente culturais, como é o caso das visitas de estudo, festivais de música, a visitação de locais ou monumentos, peregrinações e eventos culturais, como o nosso caso dos cemitérios, onde tanto o património

edificado como o património ambiental e artístico já constam em roteiros turísticos com vasta amplitude e são considerados locais históricos.

Património é um conceito amplo e inclui tanto o ambiente natural como o ambiente cultural. Abrange paisagens, locais históricos, sítios e ambientes construídos, bem como a biodiversidade, colecções, práticas culturais passadas e continuadas, conhecimentos e experiências vividas. Ele regista e exprime o longo processo do desenvolvimento histórico, formando a essência das diversas identidades nacionais, regionais, indígenas e locais, e é uma parte integrante da vida moderna. É um ponto de referência dinâmico e um instrumento positivo para desenvolvimento e para o intercâmbio. O património particular e a memória colectiva de cada localidade ou de cada comunidade é insubstituível, e é um fundamento importante para o desenvolvimento, quer agora quer no futuro. (Carta Internacional do Turismo Cultural, 1999: 2)

O património, as artes e Turismo Cultural são deste modo quase como um só conceito que abrange a essência da identidade cultural de cada local, região ou nação, e que contribui para o desenvolvimento constante da nossa história, preservando-o e mantendo-o como parte das nossas vidas.

4.1. DIVERSIDADE CULTURAL NO TURISMO CULTURAL – O CASO DOS CEMITÉRIOS

A diversidade cultural é, antes de mais nada, um fato: existe uma grande variedade de culturas que é possível distinguir rapidamente a partir de observações etnográficas, mesmo se os contornos que delimitam uma determinada cultura se revelem mais difíceis de identificar do que, à primeira vista, poderia parecer. A consciência dessa diversidade parece até estar sendo banalizada, graças à globalização dos intercâmbios e à maior receptividade mútua das sociedades. Apesar dessa maior tomada de consciência não garantir de modo algum a preservação da diversidade cultural, contribuiu para que o tema obtivesse maior notoriedade. (RELATÓRIO MUNDIAL DA UNESCO, 2009, p. 5)

O Relatório Mundial da UNESCO (2009) afirma que “A cultura é simultaneamente a diversidade criativa plasmada em culturas concretas e o instinto criador que se encontra na origem dessa diversidade de culturas.” (2009, p. 10).

Os cemitérios são outro caso de identidade cultural e mundial, uma vez que o tema da morte e da vida para além da morte já existe há séculos, e em todo o mundo enterramos os nossos parentes, cada país com a sua forma de homenagear e/ou presentear a vida dos mesmos, quer na escultura fúnebre/retrato com moldura/ lápide, no ritual para o enterro, na religião, no caixão fúnebre e no modo como encaram a morte. Todos diferentes, mas amiúde, todos iguais, possuindo o cunho de cada região, mediante as tradições e raízes culturais na sua diversidade familiar e identitária, permitindo a ligação entre as várias culturas dentro do mesmo país e, ao mesmo tempo, partilhando semelhanças com países vizinhos e vice-versa, abrangendo assim, quase sem nos darmos conta, uma característica palpável

mundial da diversidade cultural que no seu cerne é um sentimento e um acto partilhado de forma igual.

Considera-se, assim, que o “ritual da morte” e o turismo (como iremos explicar nos capítulos seguintes) facilitam o acesso à diversidade das culturas no seu contexto natural abrangendo um público cada vez mais numeroso com experiências culturais cada vez mais vastas. O problema desta realidade é que acabam por criar dilemas entre autenticidade e comercialização, uma questão central da preservação e promoção da diversidade cultural, como vamos poder ver mais à frente, como o caso do Turismo de Horror (ou Turismo de Aflição) em Auschwitz, no campo de concentração, onde colocam gravações de multidões aos gritos em plena agonia para que o público tenham mais a consciência dos horrores ali vividos enquanto passam nas câmaras de gás. Ao contrário, dando o exemplo do cemitério do Prado do Repouso no Porto, o público pode passar horas a caminhar pelos vários trilhos entre as sepulturas e os cantos ajardinados, onde a única diferença em relação a vários cemitérios é o facto de haver imensos gatos a passear e a dormir ao som do vento e no calor do sol.

O turismo cultural entra aqui como contributo de associação de iniciativas lucrativas e conseqüente promoção do diálogo intercultural. Um turismo motivado pelas características autênticas de cada contexto natural, social e cultural, que dá ênfase ao património mundial e que contribui para a promoção da compreensão cultural e diálogo intercultural.

5. TURISMO CEMITERIAL OU CULTO DA MORTE?

Um dos pontos de partida do qual resultou esta dissertação era o Turismo Cemiterial, contudo, o rumo da investigação derivou tornando desadequado esse mesmo estudo. No entanto, e por questões operativas e de enriquecimento da análise, faz-se aqui uma breve reflexão sobre o assunto, ligando-o ao culto da morte.

Baseando-nos na opinião de Moesch, que achamos ser bastante relevante para este caso, pelo simples facto de o turismo não ser algo estanque, mas sim dinâmico, o mesmo não fica restrito a locais pré-determinados, muito pelo contrário, busca constantemente novas vias de atractivo turístico para manter a sua dinamização e conseguir abranger todo o tipo de interesse turístico, principalmente quando consegue conciliar este com nomes sonantes e acervos de interesse arquitectónico e histórico, como o caso do turismo cemiterial.

De acordo com o artigo da ANPTUR do XI Seminário em 2014, que se baseia no livro de Francisco Queiroz (“Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal”), constata-se que houve um aumento na procura pelo espaço cemiterial desde a década de 1990, tendo-se dado início, a partir daí, o aumento significativo da potencialização desta tipologia de turismo.

Alguns dos exemplos que podemos evidenciar já como atracções turísticas cemiteriais reconhecidas em todo o mundo são: a Gólgota, no Monte Caveira (em Jerusalém), as pirâmides do Egipto, o TajMahall na Índia, a Igreja de Santa Engrácia em Portugal, o ossário de Sedlec na República Checa, os campos de concentração de Dachau (na Alemanha) e os de Auschwitz e Birkenau (na

Polónia), e os panteões Greco Romanos. Como eventos relacionados com a morte, toda a gente conhece bem a Noite das Bruxas, ou Halloween (noite dedicada à Morte e medos, completamente comercializada a nível mundial), mas em grande escala se pode falar do “El dia de los Muertos” (Dia dos Mortos e seus fiéis) no México que tem vindo a aumentar com “curiosos” todos os anos.

É um tipo de turismo que reúne todo o tipo de catástrofes – batalhas sangrentas, campos de concentração, locais de guerra, tsunamis (Ásia), furacões (Katrina, em Nova Orleans) até cemitérios, mausoléus (Budapeste), e museus dedicados aos temas da morte (exposições temporárias), que se debruçam sobre o sofrimento alheio, mas, ao mesmo tempo, mostram a realidade da capacidade do Homem em matar e/ou em sofrer com a morte.

O termo concreto ainda não se encontra bem definido, dado que variados autores consideram o turismo cemiterial como darktourism, turismo sombrio, turismo de horror, turismo de aflição, thanatourism, turismo macabro ou turismo de necrofilia. Vários termos para um mesmo tópico, em que alguns autores, como é especificado no artigo da ANPTUR, VII seminário em 2010, que diz:

O turismo macabro possui graus que diferenciam sua categorização. Com isso existem distinções entre o turismo considerado escuro e o turismo sombrio. Essa diferença é observada em locais que interpretam a morte em locais que vivenciam a morte. [...] Como se pode perceber, esse horizonte do turismo não é de fácil conceituação ou classificação, uma vez que abriga atrativos de múltipla natureza e atrai visitantes com diferentes motivações. (ANPTUR. 2010: 4)

Devemos chamar a atenção que a existência do turismo cemiterial não apenas ajuda na promoção dos países e cidades com carácter histórico mas

também na sua preservação e respectiva manutenção, como afirma Figueiredo (2015) no artigo “Turismo e Lazer em Cemitérios: Algumas considerações”, publicado na revista CULTUR:

As vantagens do turismo nos campos dos mortos relacionam-se, principalmente com as seguintes afirmações: ajuda na conservação e monitoramento dos cemitérios, evitando a sua degradação e descaracterização; colabora para uma maior dinamização da economia local; resgata ou fortalece a identidade local ou regional; amplia o senso de cidadania; providencia meios de disseminação das informações contidas nos cemitérios para o público em geral; tece laços entre os campos dos mortos e o seu entorno; gera novos postos de trabalho; bem como, valoriza a própria necrópole, despertando a sociedade para os seus problemas e significações como um património. (Figueiredo; 2015:137)

O entendimento consciente de que o turismo cemiterial é, amiúde, uma visitação a um espaço sagrado da morte e seus rituais, dentro de um espaço fechado, embora a céu aberto, é necessário ter sempre presente o respeito sobre estes locais e as suas tradições e costumes, sem menosprezar o tipo de religião, cultura e identidade cultural. É tão ou mais sagrado que uma catedral, uma igreja ou outro qualquer monumento histórico, em qualquer lugar do mundo, verdadeiros museus a céu aberto, onde estão sepultadas pessoas de variadas etnias e religiões (hoje em dia na grande maioria dos cemitérios, salvo raras exceções) e portanto, podemos considerar que dentro de cada cemitério já encontramos diálogo intercultural, mas de um modo silencioso.

Os cemitérios de carácter religioso são os intramuros de carácter perpétuo, ou seja, os sepulcros no interior de igrejas católicas e conventos. As necrópoles mistas são aquelas que combinam mais de um estilo de campo dos mortos. Há, ainda, os cemitérios de escravos, de indígenas e de familiares. [...] Diante do exposto, o cemitério reflete funerários, mentalidades a respeito da morte, valores, identidades, religiosidade, estilo arquitetónico e memórias das comunidades que os criaram. (Figueiredo; 2015: 135)

O turismo cemiterial é portanto, uma espécie de “museu da morte”, onde podemos encontrar nomes e/ou famílias célebres, homenagens a soldados que desapareceram nas guerras, bem como cemitérios-jardim e um conjunto de elementos escultóricos e arquitetónicos com valor notavelmente artístico.

Os cemitérios monumentais foram feitos para serem visitados. Investir no turismo cemiterial é, afinal, re-instaurar uma vivência perdida. Lembramos que, no século XIX, foram publicados guias sobre muitos cemitérios europeus. Hoje, com o crivo do tempo, estamos a reescrever esses guias, com novas motivações e até com novos objectivos económicos. Contudo, é de notar que o turismo torna mais sustentável a manutenção dos cemitérios [...] (Francisco Queiroz, Os Cemitérios Históricos e o Seu Potencial Turístico em Portugal, Revista 21 Gramas, nº1, pág. 7, 2007)

É nestes locais que vamos averiguar a existência de diálogo intercultural, tendo em conta as semelhanças artísticas e arquitetónicas, bem como uma história em comum sobre o nascimento dos cemitérios e claro, o que nos une ainda mais, a existência da morte.

5.1. O CULTO DA MORTE

Todos sabemos que a imortalidade é algo impossível de ser atingido. Desde sempre que o Homem sente a tristeza de quem deixa de existir neste mundo, buscando formas de encontrar a paz na mortalidade e criando assim ilusões de imortalidade para conseguir ultrapassar a dor e o medo de morrer.

A morte é um fardo imenso para quem ama e sofre com a tristeza de quem deixa de estar presente nas suas vidas. Existem variadas formas de culto da morte, algumas consideradas perfeitamente normais e outras que nos parecem saídas de contos de terror. Isto porque, como é afirmado neste estudo, no mundo em que vivemos as culturas são muito variadas e, portanto, o modo de lidar com a morte e com o luto é também diversificado.

No antigo Egito, os Faraós construía durante a vida gigantescos palácios onde eram retratadas varias cenas da vida de grande louvor e riqueza que possuíam bem como a sua passagem para o outro lado, garantindo assim a sua vida eterna depois da morte, junto com os Deuses.

Num artigo considerado por nós de extrema importância nesta matéria *“Burn, Mummify, Compost—Different Ways to Treat the Dead”* da *National Geographic* no seu website, mostra-se, por exemplo, que numa parte do Japão os defuntos são cremados mas colocados em lápides por questões de sanidade; já na Indonésia os corpos são mumificados e mantidos junto com as famílias até ao período de um ano, onde lhes trocam de roupa diariamente, fazem refeições juntos, falam com os defuntos e após determinarem o dia e a hora para serem colocados em túmulos coloridos nos cemitérios, fica também a promessa de que os irão visitar pelo menos uma vez por ano, de onde os voltam a retirar dos túmulos, lhes levam roupa nova e tiram fotografias com

os mesmos, passando um dia inteiro juntos, como uma família normal, uma vez que mesmo depois de mortos, estes continuam vivos em espírito e portanto, continuam a ser vistos como se estivessem efectivamente vivos.

Outro caso é o da Índia, em Varanasi, onde numa determinada parte do rio Ganges, existem as cremações públicas, onde as famílias levam os defuntos e os vestem com roupas muito coloridas, e bem atadas com fitas também cheias de cor, esperam cerca de 4 dias até que haja uma fornalha disponível, dando-se um ritual para a passagem para a vida no além numa casta superior, retiram-se as vestes do defunto, colocam-se estacas de vários tipos de madeira e muito incenso em cima do cadáver e um membro da família lhe pega fogo, esperando que o corpo se transforme completamente em cinzas para o poderem deixar à deriva no rio, de acordo com a maré, protegendo o Karma e tentando que na reencarnação a pessoa renasça numa casta superior, o mesmo não acontece com as crianças falecidas, sendo que estas vão para os pontos mais altos das montanhas e os restos mortais são ingeridos por abutres onde se encontra um guardião dos céus, garantido que a criança irá voltar à terra um dia.

Na América, em algumas cidades, assim que alguém falece nunca mais é visto pelos familiares e amigos. Assim que a funerária chega, leva o corpo e o túmulo é quase que imediatamente fechado; apenas podem ver o defunto caso consigam entrar no local onde o mesmo está a ser maquiado. Depois é levado para o crematório e é entregue à família a urna com as cinzas, que tanto pode ficar em casa como ser levada para qualquer lado onde as cinzas irão ocupar mais um lugar num rio, num mar ou num campo, por exemplo.

Terminamos os exemplos com um dos casos do Tibete, onde os defuntos são levados para uma planície alta e longe da civilização, e o responsável dos mortos abre os corpos dos defuntos colocando uma mistura de farinhas

específicas da região dentro do corpo morto e deixando os abutres calmamente à espera que a tarefa se conclua para que possam comer o morto na totalidade, sem deixar qualquer rasto, uma vez que é a vontade de todos ir para o Céu, e assim é mais rápido; as crianças falecidas são colocadas num cesto no cimo de árvores para que outras crianças não vejam este mesmo ritual.

Na Europa e alguns países mais influenciados por esta, é tudo feito de um modo mais devoto e praticando o luto e a demonstração do amor e perda de forma sentida. É aqui que podemos entender o Diálogo Intercultural uma vez que, mediante os desejos de cada um, ou são sepultados ou são cremados, depois são levados para as capelas mortuárias para que todos se possam despedir e oferecer flores e verem o defunto pela última vez, seguindo-se a cerimónia para os cemitérios onde é realizado o funeral e colocado o corpo em descanso eterno.

Afinal o cemitério é um local que provoca efeitos, produz formas de sociabilidade e de poder e agrupa códigos simbólicos baseados no nosso modo de ver e sentir a morte. (Maria Elízia Borges; "Revisão e Contribuição da História da Arte para com o Monumento Funerário; ANPAP; p.638)

São muitas as formas de culto da morte, mas na realidade, todos os que morrem deixam de existir nas nossas vidas, de uma ou outra forma. A única diferença são as crenças, costumes e tradições sobre a Morte e a Vida do Além. E estas tradições estão a ter mais atracções turísticas do que alguma vez foi possível de imaginar, por serem diferentes das nossas, talvez até por acharmos que não é possível e não queremos acreditar em tais formas de crença e fé. Mas na realidade, isto é o Mundo e a sua diversidade cultural, neste caso, sobre a Morte e o seu culto a ser respeitado.

6. TURISMO DE DIÁLOGO INTERCULTURAL – O CASO DAS SIMBOLOGIAS E TIPOLOGIAS CEMITERIAIS

Passando à prática desta dissertação e tendo em conta que o mesmo é de carácter de investigação sobre tipologias e simbologias cemiteriais que tenham características idênticas ou semelhantes às nossas em Portugal, de modo a poder-se criar um mapeamento turístico que satisfaça as necessidades desta dissertação que se baseia no Turismo de Diálogo Intercultural, fomos investigar a fundo as semelhanças acima referidas em variados websites e bancos de dados fotográficos que, um pouco por todo o mundo, nos facultasse a percepção das mesmas. Deste modo e mediante os resultados obtidos, conseguimos construir o nosso mapeamento sobre esta nova abordagem para um novo e mais complexo conceito de turismo, apresentando um conjunto de 12 mapeamentos de simbologias cemiteriais ligadas entre 20 (vinte) países, 22 (vinte e duas) cidades, num total de 26 (vinte e seis) cemitérios.

Consideramos que são mapeamentos e não roteiros turísticos uma vez que seria obviamente dispendioso percorrer tantos países em pouco espaço de tempo e pensando no tipo de turista que gosta de conhecer mais aprofundadamente os países por onde viaja bem como saber criações que o ligam à sua própria identidade cultural. Desta forma, apresentamos mapeamentos que fomentam o Diálogo Intercultural junto das simbologias e tipologias de cemitérios que possuem características idênticas ou muito similares às que temos na nossa cidade. Tendo em conta que é a identidade cultural de cada país que permanece intacta neste caso em concreto, à carga

identitária artística, simbólica e de tipologia de cemitérios, achamos que uma forma de celebrar estas características intemporais da continuidade do culto da morte seria a de explicar em mapas estes países que, independentemente das suas diferentes línguas e tradições culturais, possuem em comum.

Os mapeamentos que apresentamos referem-se às seguintes categorias:

1. Representação de Cristo
2. Representação de Anjos
3. Representação da Mulher
4. Representação de Bustos
5. Esculturas Tumulares
6. Alto-Relevo
7. Jazigos Comuns
8. Jazigos de Ferro Forjado
9. Jazigos Ajardinados
10. Mausoléus
11. Rua Ajardinadas
12. Cemitérios – Jardim

Este novo tema de interesse turístico pode ser baseado em outras inúmeras categorias que não as de carácter cemiterial, poderíamos falar sobre Turismo de Diálogo Intercultural dentro das rotas marítimas, rotas de fontanários, das trocas de especiarias no mundo, da escravidão, da música, da gastronomia, das novas redes sociais e interculturalidades actuais, entre outras; no entanto, tendo em conta que é a morte que mais nos humaniza, a par da pobreza, conflitos raciais, migrações, guerras e outras questões sociais, económicas e políticas que hoje em dia nos aterrorizam e dividem o mundo em várias

opiniões e acções; continua a ser a questão da morte aquela que mais nos toca na alma e que, portanto, mais ainda nos devemos debruçar sobre o assunto.

O objectivo primordial desta dissertação é fazer-nos repensar que temos demasiado no mundo que nos liga em vez de nos separar com interesses que não são humanos.

Se o homem é um ser racional e usa a razão contra si mesmo – um contra si mesmo representado pelos seus semelhantes -, então de que é que serve a razão? Eu digo muitas vezes que o instinto serve melhor os animais, do que a razão da nossa espécie. E o instinto serve melhor os animais porque é conservador, defende a vida.[..] Falamos muito ao longo desses anos (e felizmente continuamos a falar) dos direitos humanos, simplesmente deixamos de falar de uma coisa muito simples que são os deveres humanos, que são sempre deveres em relação aos outros, sobretudo. E é essa indiferença em relação ao outro, essa espécie de desprezo do outro, que eu me pergunto se tem algum sentido numa situação ou no quadro de existência de uma espécie que se diz racional. (Trechos retirados de uma entrevista ao ensaísta português Carlos Reis, no livro “Diálogos com José Saramago”, Porto Editora S.A., Ed.2015, p.158-159)

É no Diálogo Intercultural que poderemos tentar inscrever nas culturas e mentalidades a necessidade de ser-se, nos dias que correm, menos egocêntricos e mais sensíveis à “descoberta” dos outros.

6.1 PAÍSES ONDE PERTENCEM OS CEMITÉRIOS DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

Após uma busca extremamente complexa de países que nos pudessem fornecer material suficiente relacionado com as simbologias e tipologias cemiteriais, conseguimos criar 12 mapeamentos com 20 países. Poderíamos talvez ter chegado a um número maior de países, mas nem sempre nos foi possível obter os dados necessários bem como não conseguimos encontrar imagens que nos permitissem que os cemitérios pudessem ser enquadrados nos mapeamentos que aqui apresentamos.

Partindo do geral, e conforme o nome deste subcapítulo, para o particular, vamos apresentar os países que se encontram nos mapeamentos da nossa dissertação, que irão ser apresentados nos próximos subcapítulos.



Figura 1 – Fotografia de autora com os 20 países do Turismo de Diálogo Intercultural Cemiterial

- 1) Portugal (Continente e Açores)
- 2) Áustria
- 3) Argentina
- 4) Alemanha
- 5) Brasil
- 6) Bruxelas
- 7) Croácia
- 8) Espanha
- 9) Estados Unidos da América
- 10) França
- 11) Hungria
- 12) Inglaterra
- 13) Itália
- 14) Noruega
- 15) Polónia
- 16) República Checa
- 17) Roménia
- 18) Rússia
- 19) Suécia
- 20) Suíça

6.2 BREVE APRESENTAÇÃO DOS CEMITÉRIOS DO TURISMO DE DIÁLOGO INTERCULTURAL – O CASO DA TIPOLOGIA E SIMBOLOGIA CEMITERIAL

Apresentamos os cemitérios que constam da lista de mapeamentos simbólicos e tipológicos. A listagem que se segue será efectuada de acordo com os países onde se localizam os cemitérios. Esses países serão apresentados por ordem alfabética.

É preciso ter em consideração que alguns dos nomes não estarão correctos tendo em conta o tipo de escrita que não existe nos nossos teclados, bem como o facto de que alguns cemitérios não possuem todos os dados históricos que queríamos apresentar uma vez que a grande maioria das informações foram baseadas em buscas exaustivas efectuadas pela internet em variados websites e que cujas lacunas são exactamente as mesmas, no que diz respeito aos textos obtidos sobre cada cemitério.

a) ÁUSTRIA – VIENA – Cemitério Grinzinger

Breve apresentação: Inaugurado em 1830, este cemitério sofreu a sua primeira expansão em 1873, a segunda em 1911, a terceira em 1919 (nessa altura tendo sido designado como cemitério substituto de Oberdublinger dado que este não poderia ser mais expandido), e devido à Segunda Guerra Mundial, no período pós-guerra, Grinzinger foi sucessivamente expandido até 1954.

b) ARGENTINA – BUENOS AIRES – Cemitério La Recoleta

Breve apresentação: Inaugurado em 1822, La Recoleta é o primeiro cemitério público e o mais antigo e aristocrático da cidade. Possui mais de 70 mausoléus declarados como Monumentos Históricos Nacionais.

É conhecido por ser um dos cemitérios mais visitados do mundo, sendo um dos pontos turísticos mais movimentado de Buenos Aires.

c) ALEMANHA – HEIDELBERG – Cemitério Bergfriedhof

Breve apresentação: Foi inaugurado em 1844, projectado pelo arquitecto e jardineiro Johann Metzger em 1842, adequando o Romantismo associado da cidade à paisagem do cemitério e tornado este um dos mais encantadores da Alemanha.

Possui monumentos dedicados às vítimas do holocausto e aos mortos da guerra franco-prussiana.

d) ALEMANHA – MUNIQUE – Cemitério Alter Sudlicher

Breve apresentação: Inaugurado em 1563, foi construído a pedido do Duque Alberto V da Baviera, fora dos portões da cidade. Era considerado o cemitério da peste. Entre 1788 e 1868 era o único cemitério da cidade e portanto, o local de sepultamento de inúmeras personalidades importantes cujos nomes e respectiva localização dos túmulos podem ser consultados numa placa que se encontra à entrada do cemitério.

e) BRASIL – RIO DE JANEIRO – Cemitério São João Batista

Breve apresentação: inaugurado em 1852, é o segundo cemitério público carioca. Possui inúmeras esculturas de figuras históricas e de diversos estilos artísticos, tendo obtido o título de maior exposição do movimento de Art Nouveau a céu aberto da América Latina.

f) BRUXELAS – BÉLGICA – Cemitério Schaerbeek

Breve apresentação: Foi inaugurado no Séc.XIX. A informação sobre este cemitério é muito escassa, sabemos apenas que todos os habitantes da cidade têm o direito de serem enterrados neste local e que pese embora o facto de não estar localizado em Schaerbeek mas sim em Evere, o seu nome nunca se alterou.

g) CROÁCIA – ZAGREBE – Cemitério Mirogoj

Breve apresentação: Inaugurado em 1929, o Cemitério Mirogoj é um dos pontos turísticos mais destacados de Zagrebe por ser considerado um dos mais belos cemitérios europeus.

Possui variados memoriais referentes à Primeira Guerra Mundial bem como à Guerra da Independência e um grande monumento em memória das crianças da montanha Kozara que faleceram nos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial.

h) ESPANHA – BARCELONA – Cemitério Poblenou

Breve apresentação: foi inaugurado em 1775, tendo sido o primeiro cemitério a ser construído dentro das muralhas da cidade. Em 1813 foi reconstruído pelo arquitecto italiano António Ginesi e inspirado pelos ideais da Revolução Francesa, uma vez que tinha sido destruído durante a invasão de Napoleão.

Independentemente de ter sido reconstruído segundo os princípios básicos da igualdade e racionalidade, e usando o espírito do estilo Neoclássico, em 1852 foi exigido um departamento exclusivo por parte da burguesia para que pudessem construir túmulos e mausoléus repletos de ostentação.

Ao fundo do cemitério havia um departamento destinado aos judeus mas que hoje em dia é designado aos ciganos que também demonstram a mesma ostentação antigamente burguesa.

i) ESTADOS UNIDOS – GEORGIA – SAVANAH – Cemitério Bonaventure

Breve apresentação: Foi inaugurado em 1907. Antigamente apelidado como Evergreen Cemetery Company, este cemitério foi comprado pela Câmara de Savanaha 7 de Julho de 1907., tornando-o assim um cemitério público.

É um cemitério-jardim que foi usado como inspiração para escritores como John Berendt e John Muir.

É caracterizado pelos mausoléus de grandes famílias e lápides majestosas que contam histórias da Guerra Civil americana e outros acontecimentos históricos.

j) FRANÇA – PARIS – Cemitério Père-Lachaise

Breve apresentação: A construção do cemitério foi realizada por Alexandre-Théodore Brongniart (arquitecto neoclássico) em 1803, por ordem de Napoleão I, tendo sido inaugurado em 1804. Ao longo do tempo passou por cinco ampliações: 1824, 1829, 1832, 1842 e 1850, até chegar ao museu de aberto que é nos dias de hoje.

A vontade de ter celebridades lá enterradas era já uma tática inicial, e uma vez que não tinha chegado ainda ao número de personalidades que almejavam, em 1817, são transferidos os supostos restos mortais de Molière e La Fontaine bem como Abelardo e Heloisa, apelando aos grandes nomes para que quisessem ser lá sepultadas e aumentando assim as concessões.

Existem memoriais às vítimas da guerra civil espanhola, assim como vários dedicados aos soldados que lutaram pelo país e aos que morreram sem sepultura, aos mortos nos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial, entre muitos outros.

k) HUNGRIA – BUDAPESTE – Cemitério Kerepesi

Breve apresentação: Da informação pesquisada que é bastante escassa, sabemos que foi inaugurado em 1847, é um cemitério-jardim dos mais antigos na Hungria e onde apenas as pessoas de renome podem lá ser sepultadas.

Existem alguns memoriais como por exemplo o das vítimas da Revolução Húngara de 1956.

l) INGLATERRA – LONDRES – Cemitério de Highgate

Breve apresentação: Inaugurado em 1839, foi apelidado oficialmente de Cemitério de St. James. Para além de gente estar ali sepultada, o cemitério de Highgate é também extremamente conhecido pelas catacumbas egípcias, assim como possui a fama de ser um cemitério mal-assombrado.

É um cemitério-jardim por onde passam raposas, esquilos e vários pássaros, de origem artística victoriana e de estilo gótico.

m) INGLATERRA – LONDRES – Cemitério Kensal Green

Breve apresentação: O mais antigo dos sete cemitérios monumentais londrinos, inaugurado a 24 de Janeiro de 1833.

Considerado um parque memorial, Kensal Green é um autêntico cemitério-jardim privado, de origem estilística victoriana.

O único problema deste cemitério é o facto de estar construído sob terreno de base argilosa sendo que, e em especial os monumentos de maior amplitude, estejam a sofrer danos de difícil recuperação.

n) ITÁLIA – GENOVA – Cemitério Staglieno

Breve apresentação: Inaugurado em 1851, é considerado um dos maiores cemitérios da Europa, possuindo grande reputação pelas celebridades ali sepultadas bem como os grandiosos monumentos ali expostos.

Possui secções próprias e delineadas: um cemitério Inglês, um protestante e um judeu. É também caracterizado pelos seus mausoléus dedicados aos soldados britânicos da Primeira e Segunda Guerra Mundial.

o) ITÁLIA – MILÃO – Cemitério Monumental de Milão

Breve apresentação: Foi projectado pelo arquitecto Carlo Maciachini e é um dos dois maiores cemitérios da cidade, inaugurado em 1866.

No interior encontra-se o mausoléu dedicado às ilustres personalidades de Milão, denominado como Cívico Mausoléu Palanti.

É considerado como um verdadeiro cemitério-museu ao ar livre, não apenas pelas celebridades ali sepultadas mas também pelas obras de arte existentes.

p) NORUEGA – OSLO – Cemitério Var Frelsers

Breve apresentação: Inaugurado em 1808, o cemitério foi construído na consequência das Guerras Napoleónicas que geraram uma grande crise de fome e uma epidemia de cólera.

Foi expandido em 1911 tendo sido totalmente ocupado em 1952 ficando reconhecido como o cemitério principal de sepultamentos honorários da Noruega.

q) POLÓNIA – VARSÓVIA – Cemitério de Powazki

Breve apresentação: É um cemitério historicamente conhecido e o mais célebre da cidade, tendo sido inaugurado a 4 de Novembro de 1790.

Da informação possível de ser recolhida, sabemos que houve uma ampliação poucos anos depois, sem data em concreto.

Na chamada “Avenida dos Notáveis”, estão sepultadas as personalidades ilustres mais antigas da história polonesa.

r) PORTUGAL - AÇORES – PONTA DELGADA – Cemitério de São Joaquim

Breve apresentação: Inaugurado em 1840, está assente na sua quase totalidade em pedra vulcânica. A sua peculiaridade é a arte da azulejaria introduzida nas capelas, jazigos e túmulos, algo único e quase inexistente em qualquer outro cemitério do mundo.

s) PORTUGAL – PORTO – Cemitério de Agramonte

Breve apresentação: Fundado em 1855, anos mais tarde, sob a direcção de Marques da Silva, o cemitério foi alargado em 1906, momento no qual foram acrescentadas na capela pinturas de inspiração bizantina pela mão de Silvestro Silvestri.

Soares dos Reis realizou inúmeras esculturas em variados mausoléus bem como os artistas António Teixeira Lopes e Alves Pinto.

Pertence à Association of the Significant Cemeteries in Europe e é membro fundador da Rota Europeia dos Cemitérios, reconhecido pelo conselho da Europa a 10 de Junho de 2010.

t) PORTUGAL – PORTO – Cemitério da Lapa

Breve apresentação: Inaugurado em 1838 é o cemitério de estilo romântico mais antigo em Portugal tendo sido também considerado o cemitério da elite portuense, ampliado em 1958 e novamente em 1974.

Os monumentos funerários ali construídos (arquitectura, escultura e artes aplicadas em ferro e cerâmica) tornaram-se uma fonte de inspiração para os cemitérios do Norte do país.

Foi classificado como Imóvel de Interesse Público em 2013 e pertence à Association of the Significant Cemeteries in Europe e é membro fundador da Rota Europeia dos Cemitérios, reconhecido pelo conselho da Europa a 10 de Junho de 2010.

u) PORTUGAL – PORTO – Cemitério do Prado do Repouso

Breve apresentação: Foi o primeiro cemitério público do Porto, inaugurado a 1 de Setembro de 1839. A cerimónia de abertura teve como auge a transladação dos restos mortais de Francisco de Almeida Mendonça.

O Prado do Repouso possui um dos melhores acervos em arquitectura e escultura da cidade, realizadas por artistas como Soares dos Reis, Teixeira Lopes e Armando Alves.

Tanto o edifício como os jardins foram desenhados e projectados pelo arquitecto Manuel da Silva Lessa.

Pertence à Association of the Significant Cemeteries in Europe e é membro fundador da Rota Europeia dos Cemitérios, reconhecido pelo conselho da Europa a 10 de Junho de 2010.

v) REPÚBLICA CHECA – PRAGA - Cemitério Vysehrad

Breve apresentação: Construído no séc. XIX, é caracterizado pelos variados estilos arquitectónicos bem como pela famosa e vasta série de lápides com bustos e estátuas.

É considerado um dos mais importantes monumentos da cidade, um verdadeiro cemitério-jardim onde se encontram cerca de seiscentas pessoas famosas.

w) ROMÉLIA – MOLDÁVIA – Cemitério Eternitatea

Breve apresentação: O “Cemitério da Eternidade” foi fundado no séc. XIX pelo Prefeito de Iasi, Scarlat Pastia, doado para a cidade, sendo o maior cemitério-jardim de estilo inicialmente romano.

É caracterizado pelas esculturas e ornamentos, pelo número de pessoas famosas ali enterradas, assim como pelos gatos e cães que ali vivem e usufruem do espaço.

x) RÚSSIA – MOSCOVO – Cemitério Novodevichy

Breve apresentação: Inaugurado em 1898, Novodevichy é considerado como o terceiro local mais visitado da cidade, um autêntico cemitério-jardim que possui pequenas capelas e imensos monumentos e esculturas.

Após o término da União Soviética, este cemitério passou a ser limitado apenas para sepultamentos de celebridades.

y) SUÉCIA – ESTOCOLMO – Cemitério Norra Begravningsplatsen

Breve apresentação: O “Cemitério do Norte” foi inaugurado a 9 de Junho de 1827 e é um dos maiores cemitérios de Estocolmo. Foi expandido várias vezes, principalmente entre 1860 e 1870.

É caracterizado pelos majestosos arranjos de sepulturas e mausoléus assim como pelas esculturas e demais ornamentos artísticos.

z) SUÍÇA – GENEBRA – Cemitério des Rois

Breve apresentação: O “Cemitério dos Reis” foi inaugurado em 1482, local onde apenas juízes ou personalidades que contribuíram para a reputação da cidade é que têm permissão para aqui serem sepultadas.

Possui mais de 330 túmulos e é caracterizado por ser um cemitério-jardim e um dos mais antigos do país.

6.3 MAPEAMENTOS DO TURISMO DE DIÁLOGO INTERCULTURAL – O CASO DA TIPOLOGIA E SIMBOLOGIA CEMITERIAL

Mediante a metodologia de investigação usada, com base numa busca intensa de bancos de dados de imagens e outros locais na internet que nos pudessem ajudar a criar os mapeamentos que apresentamos, para além da óbvia pesquisa bibliográfica e científica, os 12 mapeamentos de Turismo de Diálogo Intercultural, nos casos das simbologias e tipologias que são conhecidas internacionalmente.

Como ponto turístico consolidado nos mais diferentes países do mundo, os cemitérios atraem romarias de visitantes interessados em conhecer túmulos de personalidades mundiais da literatura, da política, da história como também para apreciar túmulos e jazigos que podem ser vistos como verdadeiras obras de arte. Além da sua importância histórica, os cemitérios são ainda vistos como locais por onde se podem percorrer jardins arborizados, alamedas floridas e desfrutar de momentos de paz e tranquilidade como numa ilha no meio do caos urbano das grandes cidades. (Samira Osman e Olívia Ribeiro; Arte, História, Turismo e Lazer nos Cemitérios da Cidade de São Paulo; Licere, Belo Horizonte, Volume 10, nº1, Abril de 2007)

6.3.1. Diálogo Intercultural da representação cemiterial de Cristo

A imagem de Cristo nos túmulos é associada ao Cristianismo e portanto é a ligação à fé e a ascensão da alma do defunto ao Céu Divino.



Figura 2 – Fotografia de autora com os 10 países que possuem esculturas de Cristo nos túmulos

As imagens representativas deste mapeamento encontram-se no Anexo 1, figuras 3 a 12.

Os 10 (dez) países, cidades e respectivos cemitérios são os seguintes:

- Figura 3 – Portugal, Porto, Cemitério da Lapa.
- Figura 4 – Argentina, Buenos Aires, Cemitério La Recoleta.

- Figura 5 – Bruxelas, Bélgica, Cemitério Schaerbeek.
- Figura 6 – Croácia, Zagrebe, Cemitério Mirogoj.
- Figura 7 – Espanha. Barcelona, Cemitério Poblenou.
- Figura 8 – Estados Unidos da América, Savannah, Cemitério Bonaventure.
- Figura 9 – França, Paris, Cemitério Père-Lachaise.
- Figura 10 – Hungria, Budapeste, Cemitério Kerepesi.
- Figura 11 – Polónia, Varsóvia, Cemitério Powazki.
- Figura 12 – Suécia, Estocolmo, Cemitério Norra Begravningsplatsen.

6.3.2. Diálogo Intercultural da representação cemiterial de Anjos

A carga simbólica do anjo esculpido é maioritariamente relacionada como o Guia para o Céu /Paraíso.



Figura 13 – Fotografia de autora com os 17 países que possuem esculturas de Anjos nos túmulos.

As imagens representativas deste mapeamento encontram-se no Anexo 2, figuras 14 a 33.

Os 17 (dezassete) países, cidades e respectivos cemitérios são os seguintes:

- Figura 14 – Portugal, Porto. Cemitério de Agramonte.
- Figura 15 – Portugal, Porto. Cemitério da Lapa.
- Figura 16 – Portugal, Porto. Cemitério Prado do Repouso.

- Figura 17 – Argentina, Buenos Aires. Cemitério La Recoleta.
- Figura 18 – Portugal, Açores. Cemitério de São Joaquim.
- Figura 19 – Brasil, Rio de Janeiro. Cemitério de São João Batista.
- Figura 20 – Bruxelas, Bélgica. Cemitério de Schaerbeek.
- Figura 21 – Croácia, Zagrebe. Cemitério Mirogoj.
- Figura 22 – Espanha, Barcelona. Cemitério Poblenou.
- Figura 23 – Estados Unidos da América, Savannah. Cemitério Bonaventure.
- Figura 24 – França, Paris. Cemitério Père-Lachaise.
- Figura 25 – Hungria, Budapeste. Cemitério de Kerepesi.
- Figura 26 – Inglaterra, Londres. Cemitério Highgate.
- Figura 27 – Inglaterra, Londres. Cemitério Kensal Green.
- Figura 28 – Itália, Génova. Cemitério Monumental de Staglieno.
- Figura 29 – Noruega, Oslo. Cemitério Var Frelsers.
- Figura 30 – Polónia, Varsóvia. Cemitério Powazki.
- Figura 31 – República Checa, Praga. Cemitério Vysehrad.
- Figura 32 – Roménia, Moldávia. Cemitério Eternitatea.
- Figura 33 – Suécia, Estocolmo. Cemitério Norra Begravningsplatsen.

6.3.3. Diálogo Intercultural da representação cemiterial da Mulher

A carga simbólica da representação da mulher pode ter várias interpretações:

1. Mulher a chorar – Luto, tristeza;
2. Mulher abraçada à cruz – simboliza a fé, uma pessoa ou alma que se perde no pecado e cuja única esperança é abraçar-se à Cruz de Cristo;
3. Mulher que segura uma âncora – representa a esperança;
4. Mulher que segura uma cruz – representa a fé.



Figura 34 - Fotografia de autora com os 12 países que possuem esculturas da Mulher nos túmulos

As imagens representativas deste mapeamento encontram-se no Anexo 3, figuras 35 a 50.

Os 12 (doze) países, cidades e respectivos cemitérios são os seguintes:

- Figura 35 – Portugal, Porto. Cemitério de Agramonte.
- Figura 36 – Portugal, Porto. Cemitério da Lapa.
- Figura 37 – Portugal, Porto. Cemitério Prado do Repouso.
- Figura 38 – Alemanha, Munique. Cemitério Alter Südfriedhof.
- Figura 39 – Argentina, Buenos Aires. Cemitério La Recoleta.
- Figura 40 – Áustria, Viena. Cemitério Grizinger Friedhof.
- Figura 41 – Croácia, Zagrebe. Cemitério Mirogoj.
- Figura 42 – Estados Unidos da América, Savannah. Cemitério Bonaventure.
- Figura 43 – França, Paris. Cemitério Père-Lachaise.
- Figura 44 – Inglaterra, Londres. Cemitério Highgate.
- Figura 45 – Inglaterra, Londres. Cemitério Kensal Green.
- Figura 46 – Itália, Génova. Cemitério Monumental de Staglieno.
- Figura 47 – Itália, Milão. Cemitério Monumental de Milão.
- Figura 48 – República Checa, Praga. Cemitério Vysehrad.
- Figura 49 – Roménia, Moldávia. Cemitério Eternitatea.
- Figura 50 – Rússia, Moscovo. Cemitério Novodevichy.

6.3.4. Diálogo Intercultural da representação cemiterial de Bustos

A carga simbólica da representação dos Bustos é meramente para relembrar a pessoa sepultada e homenageá-la.



Figura 51 - Fotografia de autora com os 12 países que possuem esculturas de Bustos nos túmulos

As imagens representativas deste mapeamento encontram-se no Anexo 4, figuras 52 a 62.

Os 12 (doze) países, cidades e respectivos cemitérios são os seguintes:

- Figura 52 – Portugal, Porto. Cemitério Prado do Reposo.
- Figura 53 – Alemanha, Munique. Cemitério Alter Südfriedhof.
- Figura 54 – Argentina, Buenos Aires. Cemitério La Recoleta.

- Figura 55 – Croácia, Zagrebe. Cemitério Mirogoj.
- Figura 56 – Espanha, Barcelona. Cemitério Poblenou.
- Figura 57 – França, Paris. Cemitério Père-Lachaise.
- Figura 58 – Inglaterra, Londres. Cemitério Highgate.
- Figura 59 – Noruega, Oslo. Cemitério Vår Frelzers.
- Figura 60 – República Checa, Praga. Cemitério Vysehrad.
- Figura 61 – Roménia, Moldávia. Cemitério Eternitatea.
- Figura 62 – Rússia, Moscovo. Cemitério Novodevichy.

6.3.5. Diálogo Intercultural de Esculturas tumulares

A carga simbólica de esculturas é variada. Pode ser a escultura de uma pessoa para a homenagear, podem retratar crianças que foram sepultadas, seres divinos que protegem o defunto, representações quase teatrais parecendo que o mesmo se está a fechar a si mesmo num bloco de pedra, algumas parecem estátuas que se protegem mutuamente e outras simplesmente artísticas e lindíssimas, uma mais realistas e outras uma versão artística mais moderna.



Figura 63- Fotografia de autora com os 14 países que possuem Esculturas nos túmulos.

As imagens representativas deste mapeamento encontram-se no Anexo 5, figuras 64 a 81.

Os 14 (catorze) países, cidades e respectivos cemitérios são os seguintes:

- Figura 64 – Portugal, Porto. Cemitério de Agramonte.
- Figura 65 – Portugal, Porto. Cemitério da Lapa.
- Figura 66 – Portugal, Porto. Cemitério Prado do Repouso.
- Figura 67 – Alemanha, Munique. Cemitério Alter Südfriedhof.
- Figura 68 – Argentina, Buenos Aires. Cemitério La Recoleta.
- Figura 69 – Brasil, Rio de Janeiro. Cemitério São João Batista.
- Figura 70 – Croácia, Zagrebe. Cemitério Mirogoj.
- Figura 71 – Estados Unidos da América, Savannah. Cemitério Bonaventure.
- Figura 72 – França, Paris. Cemitério Père-Lachaise.
- Figura 73 – Inglaterra, Londres. Cemitério Highgate.
- Figura 74 – Inglaterra, Londres. Cemitério Kensal Green.
- Figura 75 – Itália, Milão. Cemitério Monumental de Milão.
- Figura 76 – Itália, Génova. Cemitério Monumental de Staglieno.
- Figura 77 – Polónia, Varsóvia. Cemitério Powazki.
- Figura 78 – República Checa, Praga. Cemitério Vysehrad.
- Figura 79 – Roménia, Moldávia. Cemitério Eternitatea.
- Figura 80 – Rússia, Moscovo. Cemitério Novodevichy.
- Figura 81 – Suécia, Estocolmo. Cemitério Norra Begravningsplatsen.

6.3.6. Diálogo Intercultural de Alto-Relevo cemiterial

A carga simbólica de altos-relevos é tão ou mais variada como a de esculturas. Podem ser também relacionadas a uma pessoa para a homenagear, algumas contêm brasões de família, outras retratos dos que foram sepultados, seres divinos que protegem o defunto, representações também teatrais e românticas, algumas parecem guardiões que o defunto, umas mais realistas e outras uma versão mais moderna do Catolicismo.



Figura 82 - Fotografia de autora com os 15 países que possuem Altos-Relevos nos túmulos.

As imagens representativas deste mapeamento encontram-se no Anexo 6, figuras 83 a 99.

Os 15 (quinze) países, cidades e respectivos cemitérios são os seguintes:

- Figura 83 – Portugal, Porto. Cemitério de Agramonte.
- Figura 84 – Portugal, Porto. Cemitério Prado do Repouso.
- Figura 85 – Portugal, Açores. Cemitério de São Joaquim.
- Figura 86 – Alemanha, Munique. Cemitério Alter Südfriedhof.
- Figura 87 – Argentina, Buenos Aires. Cemitério La Recoleta.
- Figura 88 – Áustria, Viena. Cemitério Grinzinger Friedhof.
- Figura 89 – Bruxelas, Bélgica. Cemitério Schaerbeek.
- Figura 90 – Estados Unidos da América, Savannah. Cemitério Bonaventure.
- Figura 91 – França, Paris. Cemitério Père-Lachaise.
- Figura 92 – Hungria, Budapeste. Cemitério Kerepesi.
- Figura 93 – Inglaterra, Londres. Cemitério Highgate.
- Figura 94 – Inglaterra, Londres. Cemitério Kensal Green.
- Figura 95 – Itália, Génova. Cemitério Monumental de Staglieno.
- Figura 96 – Noruega, Oslo. Cemitério Vår Frelzers.
- Figura 97 – Polónia, Varsóvia. Cemitério Powazki.
- Figura 98 – Rússia, Moscovo. Cemitério Novodevichy.
- Figura 99 – Suíça, Genebra. Cemitério des Rois.

- Figura 101 – Portugal, Porto. Cemitério de Agramonte.
- Figura 102 – Portugal, Porto. Cemitério da Lapa.
- Figura 103 – Portugal, Porto. Cemitério Prado do Repouso.
- Figura 104 – Portugal, Açores. Cemitério de São Joaquim.
- Figura 105 – Áustria, Viena. Cemitério Grinzinger Friedhof.
- Figura 106 – Brasil, Rio de Janeiro. Cemitério São João Batista.
- Figura 107 – Bruxelas, Bélgica. Cemitério de Schaerbeek.
- Figura 108 – Croácia, Zagreb. Cemitério Mirogoj.
- Figura 109 – Estados Unidos da América, Savannah.
- Figura 110 – França, Paris. Cemitério Père-Lachaise.
- Figura 111 – Hungria, Budapeste. Cemitério Kerepesi.
- Figura 112 – Inglaterra, Londres. Cemitério Highgate.
- Figura 113 – Inglaterra, Londres. Cemitério Kensal Green.
- Figura 114 – Itália, Milão. Cemitério Monumental de Milão.
- Figura 115 – Noruega, Oslo. Cemitério Vår Frelzers.
- Figura 116 – Polónia, Varsóvia. Cemitério Powazki.
- Figura 117 – República Checa, Praga. Cemitério Vysehrad.
- Figura 118 – Roménia, Moldávia. Cemitério Eternitatea.
- Figura 119 – Rússia, Moscovo. Cemitério Novodevichy.
- Figura 120 – Suíça, Genebra. Cemitério des Rois.

6.3.8. Diálogo Intercultural de Jazigos de Ferro Forjado

Denominamos como Jazigos de Ferro Forjado as sepulturas que são delimitadas com gradeamento em ferro forjado.



Figura 121 – Fotografia de autora com mapeamento com os 12 países que possuem Jazigos em Ferro Forjado.

As imagens representativas deste mapeamento encontram-se no Anexo 8, figuras 121 a 137.

Os 12 (doze) países, cidades e respectivos cemitérios são os seguintes:

- Figura 122 – Portugal, Porto. Cemitério de Agramonte.
- Figura 123 – Portugal, Porto. Cemitério da Lapa.
- Figura 124 – Portugal, Açores. Cemitério de São Joaquim.
- Figura 125 – Áustria, Viena. Cemitério Grinzinger Friedhof.

- Figura 126 – Espanha, Barcelona. Cemitério Poblenou.
- Figura 129 – Estados Unidos da América, Savannah. Cemitério Bonaventure.
- Figura 130 – França, Paris. Cemitério Père-Lachaise.
- Figura 131 – Hungria, Budapeste. Cemitério Kerepesi.
- Figura 132 – Inglaterra, Londres. Cemitério Kensal Green.
- Figura 134 – Itália, Milão. Cemitério Monumental de Milão.
- Figura 135 – Rússia, Moscovo. Cemitério Novodevichy.
- Figura 136 – Suécia, Estocolmo. Cemitério Norra Begravningsplatsen.
- Figura 137 – Suíça, Genebra. Cemitério des Rois.

6.3.9. Diálogo Intercultural de Jazigos Ajardinados

Denominamos como Jazigos Ajardinados as sepulturas que não possuem granito nem pedra, apenas a lápide ou o delineamento do jazigo em pedra ou outro material, sendo o interior em terra, uns com flores ou relva ou apenas terra.



Figura 139 – Fotografia de autora com mapeamento com os 13 países que possuem Jazigos Ajardinados.

As imagens representativas deste mapeamento encontram-se no Anexo 9, figuras 140 a 154.

Os 13 (treze) países, cidades e respectivos cemitérios são os seguintes:

- Figura 140 – Portugal, Porto. Cemitério Prado do Reposo.
- Figura 141 – Portugal, Açores. Cemitério de São Joaquim.

- Figura 142 – Alemanha, Heidelberg. Cemitério Bergfriedhof.
- Figura 143 – Alemanha, Munique. Cemitério Alter Südfriedhof.
- Figura 144 – Áustria, Viena. Cemitério Grinzinger Friedhof.
- Figura 145 – Croácia, Zagreb. Cemitério Mirogoj.
- Figura 146 – Estados Unidos da América, Savannah. Cemitério Bonaventure.
- Figura 147 – Hungria, Budapeste. Cemitério Kerepesi.
- Figura 148 – Inglaterra, Londres. Cemitério Kensal Green.
- Figura 149 – Itália, Milão. Cemitério Monumental de Milão.
- Figura 150 – Noruega, Oslo. Cemitério Vår Frelzers.
- Figura 151 – República Checa, Praga. Cemitério Vysehrad.
- Figura 152 – Rússia, Moscovo. Cemitério Novodevichy.
- Figura 153 – Suécia, Estocolmo. Cemitério Norra Begravningsplatsen.
- Figura 154 – Suíça, Genebra. Cemitério des Rois.

6.3.10. Diálogo Intercultural de Mausoléus

Denominamos de Mausoléus a tipologia funerária de grandes dimensões que servia para representar famílias importantes ou bem endinheiradas e que possuem no seu interior uma ou várias sepulturas.



Figura 155 – Fotografia de autora com mapeamento com os 12 países que possuem Mausoléus.

As imagens representativas deste mapeamento encontram-se no Anexo 10, figuras 156 a 168.

Os 12 (doze) países, cidades e respectivos cemitérios são os seguintes:

- Figura 156 – Portugal, Porto. Cemitério de Agramonte.
- Figura 157 – Portugal, Porto. Cemitério da Lapa.
- Figura 158 – Portugal, Açores. Cemitério de São Joaquim.

- Figura 159 – Argentina, Buenos Aires. Cemitério La Recoleta.
- Figura 160 – Croácia, Zagrebe. Cemitério Mirogoj.
- Figura 161 – Espanha, Barcelona. Cemitério Poblenou.
- Figura 162 – Estados Unidos da América, Savannah. Cemitério Bonaventure.
- Figura 163 – França, Paris. Cemitério Père-Lachaise.
- Figura 164 – Hungria, Budapeste. Cemitério Kerepesi.
- Figura 165 – Inglaterra, Londres. Cemitério Kensal Green.
- Figura 166 – Itália, Milão. Cemitério Monumental de Milão.
- Figura 167 – Suécia, Estocolmo. Cemitério Norra Begravningsplatsen.
- Figura 168 – Suíça, Genebra. Cemitério des Rois.

6.3.11 Diálogo Intercultural de Ruas cemiteriais Ajardinadas

Denominamos de Ruas Ajardinadas a tipologia de cemitérios que possuem amplas ruas ajardinadas por onde as pessoas podem passear pelas sepulturas e fruir do local sem qualquer tipo de constrangimento. Onde o cemitério se torna um local sereno e pacífico.



Figura 169 – Fotografia de autora com mapeamento com os 13 países que possuem Cemitérios com Ruas Ajardinadas.

As imagens representativas deste mapeamento encontram-se no Anexo 11, figuras 170 a 185.

Os 13 (treze) países, cidades e respectivos cemitérios são os seguintes:

- Figura 170 – Portugal, Porto. Cemitério de Agramonte.
- Figura 171 – Portugal, Porto. Cemitério Prado do Repouso.
- Figura 172 – Portugal, Açores. Cemitério de São Joaquim.
- Figura 173 – Alemanha, Heidelberg. Cemitério Bergfriedhof.
- Figura 174 – Áustria, Viena. Cemitério Grinzinger Friedhof.
- Figura 175 – Brasil, Rio de Janeiro. Cemitério São João Batista.
- Figura 176 – Croácia, Zagreb. Cemitério Mirogoj.
- Figura 177 – Estados Unidos da América, Savannah. Cemitério Bonaventure.
- Figura 178 – França, Paris. Cemitério Père-Lachaise.
- Figura 179 – Inglaterra, Londres. Cemitério Highgate.
- Figura 180 – Inglaterra, Londres. Cemitério Kensal Green.
- Figura 181 – Itália, Milão. Cemitério Monumental de Milão.
- Figura 182 – Polónia, Varsóvia. Cemitério Powazki.
- Figura 183 – República Checa, Praga. Cemitério Vysehrad.
- Figura 184 – Roménia, Moldávia. Cemitério Eternitatea.
- Figura 185 – Suíça, Genebra. Cemitério des Rois.

6.3.12 Diálogo Intercultural de Cemitérios-Jardim

Denominamos de Cemitérios-Jardim a tipologia de cemitérios que possuem, para além de amplas ruas, uma estrutura grandiosa e repleta de jardins a cada canto e recanto, onde até gatos e cães adormecem a usufruir do ar livre e do sol.



Figura 186 – Fotografia de autora com mapeamento com os 11 países que possuem Cemitérios-Jardim.

As imagens representativas deste mapeamento encontram-se no Anexo 12, figuras 187 a 200.

Os 11 (onze) países, cidades e respectivos cemitérios são os seguintes:

- Figura 187 – Portugal, Porto. Cemitério de Agramonte.
- Figura 188 – Portugal, Porto. Cemitério Prado do Repouso.

- Figura 189 – Áustria, Viena. Cemitério Grinzinger Friedhof.
- Figura 190 – Croácia, Zagreb. Cemitério Mirogoj.
- Figura 191 – Estados Unidos da América, Savannah. Cemitério Bonaventure.
- Figura 192 – França, Paris. Cemitério Père-Lachaise.
- Figura 193 – Inglaterra, Londres. Cemitério Highgate.
- Figura 194 – Inglaterra, Londres. Cemitério Kensal Green.
- Figura 195 – Itália, Génova. Cemitério monumental de Staglieno.
- Figura 196 – Itália, Milão. Cemitério Monumental de Milão.
- Figura 197 – Noruega, Oslo. Cemitério Vår Frelzers.
- Figura 198 – República Checa, Praga. Cemitério Vysehrad.
- Figura 199 – Suécia, Estocolmo. Cemitério Norra Begravningsplatsen.
- Figura 200 – Suíça, Genebra. Cemitério des Rois.

7. CONCLUSÕES GERAIS

Esta dissertação aborda assuntos muito complexos que, como tal, só podem ser tratados de forma superficial mas que são essenciais para enquadrar o tema da investigação, independentemente de termos feito uma revisão bibliográfica bastante extensa sobre os mesmos.

No que diz respeito à parte mais prática da dissertação, mediante toda a pesquisa efectuada quer em artigos, livros, monografias e revistas, quer em páginas da Internet, temos plena consciência, no que concerne aos mapeamentos, que caso tivéssemos a oportunidade de ter estado em todos os países referidos e feito entrevistas, teríamos sem dúvida mais sucesso e maior número de mapas ou até de cemitérios. Deparamo-nos com algumas dificuldades na recolha de informações relativamente aos cemitérios que não conseguimos obter de um modo mais minucioso, bem como imagens que pudessem ajudar a aumentar o panorama de cidades de cada mapeamento. No entanto, pensamos que é suficiente para podermos pensar no Turismo de Diálogo Intercultural no caso das tipologias e simbologias cemiteriais como uma espécie de fio embrionário para futuras investigações dentro do mesmo âmbito.

É neste desafio de criar um Turismo cujo ponto fulcral é o Diálogo Intercultural, no qual se baseia toda a investigação científica e, pelo facto de considerarmos que é neste intercâmbio cultural e artístico que assenta todo o estudo, que este mesmo tema, de extrema importância e cada vez mais necessário nos discursos e acções do Mundo, possa ser mais uma forma de conseguirmos alcançar mais pessoas, mais consciências, mais voz mundial e,

assim, podermos atingir a política do multiculturalismo e portanto, da coesão de paz.

Dado que não nos podemos colocar de lado em questões sociais e humanas, porque estamos a falar em Património, Humanidade e um diálogo entre culturas que se aceitem mutuamente e desfrutem da vida em plena harmonia, é nosso dever, como Homens que somos, e estudiosos na matéria em questão, tentar consciencializar de todas as formas que pudermos, o alerta quase que obrigatório da necessidade profunda de alterar as mentalidades para um mundo melhor.

Devido aos intercâmbios culturais e artísticos que fomos cultivando ao longo dos séculos pelo mundo inteiro, podemos falar e mostrar, de uma forma mais aberta e coerente, que existem vários modos de ligação do Diálogo Intercultural a imensos temas que podem ser relacionados com esta interculturalidade e que podem ser modos de agir e criar outros modelos de fortificação de diálogo entre países. Para tal, basta que haja empenho e difusão do multiculturalismo, começando pela cidade em que vivemos até à divulgação das acções ou investigações criadas através dos canais científicos e até às redes sociais ou outros de interesse público.

É no caso da morte e respectivo culto da mesma que nos vemos mais ligados e conectados com o mundo, independentemente da forma como praticam o seu luto. Ao mesmo tempo também sabemos que as guerras são tantas que por vezes nem nos damos conta da realidade sangrenta que já vivemos desde sempre, mas é também graças aos media que agora temos maior consciência e maior poder de acção perante as sociedades e comunidades em que nos inserimos, mesmo sabendo que infelizmente a grande maioria das pessoas não “vê com olhos de ver” o que acontece no mundo, a não ser quando é a “nós” que a morte “aparece”. Mas a realidade é que não vêem porque estão

cegos com tanta globalização e excessos publicitários que não se apercebem das “coisas do mundo real”. São a nossa identidade cultural, os nossos costumes, os nossos cultos sobre a morte, as nossas tradições, as nossas famílias e amigos e carreiras quer académicas quer profissionais, os nossos sonhos e vontades e as frustrações e desilusões que nos permitem ser mais Humanos, mais reais, mais realistas, menos egoístas, mais susceptíveis de observarmos e juntarmos todas as partes num “todo” e podermos partilhá-lo e fruir e usufruir e melhorar o rumo que as sociedades podem ter.

São vários os escritores que ao escreverem sobre o Diálogo Intercultural ou Interculturalismo, acabam por chegar às mesmas conclusões que Boaventura de Sousa Santos. Isto é, que muito provavelmente esta nossa luta não passará de uma utopia, apenas um desejo imenso que temos, mas que nunca terá metade das realizações desejadas para um Mundo melhor.

Na nossa opinião, pensamos que se continuarmos a lutar pelo discurso de entendimento mundial e de coesão social e de paz, talvez um dia chegaremos a um destino mais favorável e benéfico a todos, porque está nas acções e práticas diárias de cada um de nós fazer deste “Universo Humano”, um Mundo ainda melhor não só para nós mas também para as gerações vindouras. Se formos capazes de divulgar estes mapeamentos de simbologia e tipologia cemiterial, com base no Diálogo Intercultural, somos capazes de poder criar outras ligações com o mesmo intuito e ampliar assim os vários modos de criar este diálogo e fazê-lo chegar aos povos, agindo a favor do multiculturalismo, passo a passo.

É na junção do Património Mundial com o Património Artístico e Arquitectónico e Paisagístico que nos debruçamos para podermos criar este novo tipo de Turismo, unindo-o ao Diálogo Intercultural. É graças também ao facto de sabermos que existem pessoas conscientes da necessidade de

criação e reflexão sobre questões como o multiculturalismo e respectiva interculturalidade, conscientes da diversidade cultural e do diálogo possível e desejável entre esta diversidade, que hoje em dia podemos e devemos tentar pensar e criar laços mais fortes sobre a matéria, para que o Homem não se esqueça do que necessitamos para viver em paz e em consciência não apenas do seu “eu”, mas também do “outro”.

Terminamos esta dissertação e respectiva conclusão com as palavras sempre sábias de José Saramago:

“Como tudo na vida. Tudo aquilo que for feito pelo Homem não morrerá, poderá transformar-se em outras coisas, sucessivamente, enquanto houver Homem.” (Diálogos com José Saramago; p.168)

8. Bibliografia

- ACIDI. *44 Ideias Simples – para promover a Tolerância e celebrar a Diversidade*. ACIDI, IP. Ed. 2007;
- AFONSO, Liliana Rosa Gomes. (2010); *Turismo Cemiterial: O cemitério como espaço de lazer*; Monografia do Curso de Graduação em Turismo da Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências;
- AFONSO, Luís U. (2012); *Imagens de Aprendizagem e Ensino na Arte Funerária Gótica: A Propósito de Uma Cena Escolar no Túmulo do Rei D. Pedro I de Portugal*; Instituto de História da Arte da Universidade de Lisboa, Revista De Arte nº 11, pp 71-88;
- ALBUQUERQUE, Luísa Arroz (2004). *Política Cultural: Conceitos e Tipologias*. IPL, Cadernos PAR. Nº4;
- ANDRÉ, João Maria (2006); *Identidade(s), Multiculturalismo e Globalização*; Comunicação apresentada no XX Encontro de Filosofia, “A Filosofia na Era da Globalização”; Ed. APF – Associação de Professores de Filosofia;
- ANDRÉ, Paula (s.d); *Modos de Pensar e Construir os Cemitérios Públicos Oitocentistas em Lisboa: O Caso do Cemitério dos Prazeres*; Revista de História da Arte do Departamento de Arquitectura do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa;
- BAPTISTA, Isabel.(2011);*Ética, Deontologia e Avaliação do Desempenho Docente*. Cadernos do CCAP;
- Barretto, M., (2006);*Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo*. 17ª ed. São Paulo: Papirus Editora;
- BARRIGA, Sara; SILVA, Susana Gomes da. *Serviços Educativos na Cultura*. Setepés. Coleção Públicos Nº2;
- BAPTISTA, Joaquim. (1997); *O Túmulo Medieval, Uma Memória na Morte*; Dissertação de Mestrado da Universidade Lusíada;

- Batista, C. M., (2005); *Memória e Identidade: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural*. Caderno Virtual de Turismo, Volume 5, p. 7;
- BORGES, Maria Elizia. (2010); *Revisão e Contribuição da História da Arte para com o Monumento Funerário*; ANPAP – 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – “Entre Territórios”; Bahia, Brasil;
- BORGES, Maria Elizia.(s.d); *Imagens Devocionais nos Cemitérios do Brasil*; Faculdade de Artes Visuais – UFG, Goiânia – Brasil;
- BORGES, Maria Elizia. (2011); *IMAGENS DA MORTE: Monumentos Funerários e Análise dos Historiadores da Arte*; ANPUH – Anais XXVI Simpósio Nacional de História, São Paulo;
- BRUSSELS DEBATES.(2008); *Negociar as diferenças: A responsabilidade dos artistas e das instituições culturais*. Comissão Europeia em cooperação com a Fundação Europeia para as Artes e Património; Bruxelas;
- C. Strauss. (2000)*The cultural concept and the individualism – collectivism debate: Dominant and alternative attributions for class in United States*;
- CANEN, Ana. (2000); *Educação multicultural, identidade nacional e pluralidade cultural: tensões e implicações curriculares*. Cadernos de Pesquisa nº111. Dezembro;
- CARDOSO, Dulce Maria. (2017) *Igualdade – É Possível? É Desejável?*; Revista XXI Ter Opinião, Fundação Francisco Manuel dos Santos, Anual, Nº 8;
- COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS. (2005); *Decisão do Conselho relativa à celebração da Convenção da UNESCO sobre a protecção e a promoção da diversidade das expressões culturais*. Bruxelas;

- COMITÉ DE MINISTROS DO CONSELHO EUROPEU.(2009); *Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural – Viver Juntos em Igual Dignidade*. Tradução e publicação em Português pelo Conselho da Europa;
- COUTO, Mia (2005); *Pensatempos – Textos de Opinião*; Editorial Caminho, 3ª Edição;
- COUTO, Mia (2010); *Pensageiro Freqüente*; Editorial Caminho, 5ª Edição;
- De La Torre, O., (1992). *El Turismo, Fenómeno Social*. 1ª ed. Mexico: Fondo de Cultura Económica;
- DIAS, Francisco; SOIFER, Jack; FERREIRA, Luís. (2009). *O Futuro do Turismo: Território, Património, Planeamento*; Editora Estratégias Criativas;
- DIAS, Francisco. (2010). *Estatísticas de Turismo Urbano. O Centro Histórico do Porto e o Turismo. – Actas do Seminário Centros Históricos: Passado e Presente*, pp. 165 a 197, IS CET;
- D. Krebs. (2000); *Evolucionary games and morality. Journal of Consciousness Studies*. Volume 7;
- FERNANDES, Domingos. (s.d.); *Avaliação de programas e projectos educacionais: das questões teóricas às questões das práticas*. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa;
- FERREIRA, Emídio Maximiano. (1986); *A Arte Tumular Medieval Portuguesa (Séculos XII-XV)*; Dissertação de Mestrado de História da Arte; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da U.N.L.; Lisboa;
- FIGUEIREDO, Olga. (2015); *Turismo e Lazer em Cemitérios: Algumas Considerações*; CULTUR – Revista De Cultura e Turismo, Brasil;
- FINURAS, Paulo. (2010); *Humanos – pessoas iguais, culturas diferentes*. Edições Sílabo. 1ª Edição;
- FRANÇA, Luís de.; FERNANDES, Romualda. (s.d.); *O Diálogo Intercultural*. Cadernos do ISTA nº9;

- FRANCISCO; Rachel Herdy de Barros. (2003); *Diálogo Intercultural dos Direitos Humanos*. Monografia apresentada para a obtenção do grau de Bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro;
- GIDDENS, Anthony.(2000);*O Mundo na Era da Globalização*. Editorial Presença;
- GONÇALVES, Susana. (s.d.); *O sentido do Diálogo Intercultural*; 5ª Semana Internacional da ESEC – Identidade, Diversidade e Diálogo Intercultural;
- GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G.(1998); *O Jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos.*; Belo Horizonte: Autêntica;
- HERNANDEZ, Avila. (2009); *Reconocimiento e Identidad. Dialogo Intercultural*. Utopía y praxis latino-americana. Vol.14;
- ICOMOS, (Outubro de 1999); *Carta Internacional do Turismo Cultural*. 12ª Assembleia Geral no México, Centro de Documentação da UNESCO – ICOMOS;
- JEROME, Jerome K. (2016); *Três Homens Num Barco*; Editora Alma dos Livros;
- JANSON, H.W. (1977); *História da Arte. Panorama das Artes Plásticas e da Arquitectura. Da Pré-História à Actualidade*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 2ª Edição;
- MATOS, Artur Teodoro de.; LAGES, Mário Ferreira. (2008); *Portugal: percursos de interculturalidade.*; 4 Vols. ACIDI. Lisboa;
- MATOSO, R. (2007);*Agenda 21 da Cultura e a promoção da Diversidade Cultural nas Cidades*;
- MELVIN, Jeremy. (2006); *...ISMOS. Entender a Arquitectura*. Ed. Lisma;
- MOESH, M. M. (2002). *A produção do saber turístico*. 2ª Ed. São Paulo. Ed. Contexto;

- MOLETTA, V. F.(1998); *Turismo Cultural*. Porto Alegre: SEBRAE/RS;
- MONTEIRO, Jaqueline; SILVA, Erly Maria. (2010); *Turismo Macabro: Conhecer para Entender; Entender para (Des)construir*; VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), São Paulo;
- MOREIRA, Fernando Alberto Torres.(s.d.); *Identidade Cultural Portuguesa: espaço de autonomia e diversidade*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro;
- MUNDIM, Luís Gustavo.(2011); *As Necrópoles como Patrimônio Cultural: Reflexões Sobre o Inventário do Cemitério do Bonfim em Belo Horizonte*; ANPUH - Anais do XXVI Simpósio Nacional de História, São Paulo;
- NOGUEIRA, Renata de Souza. (2013); *Quando um cemitério é patrimônio cultural*; Tese de Mestrado em Memória Social – Memória e Patrimônio; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas e Sociais;
- OLIVEIRA, Elizete; MOREIRA, Flávia. (s.d.); IX Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e V Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba.
- OSMAN, Samira, RIBEIRO, Olívia. (2007); *Arte, História, Turismo e Lazer nos Cemitérios da Cidade de São Paulo*; Licere, Belo Horizonte, Volume 10, nº1, Abril;
- PETRUSKI, Maura Regina. (2007); *A cidade dos mortos no mundo dos vivos – os cemitérios*; Artigo da Revista de História Regional; nº11 (2); Panamá, Brasil;
- PEREZ, Juan.(1992); *Nuevas Consideraciones en Torno a La Escultura Ibérica*; Universidad Autonoma de Madrid;
- POMAR, Rosa. (s.d.); *Memória Tumular de Rainhas, Infantas e Fidalgas em Portugal (1250-1350)*; Revista da Faculdade de Letras;

- PUERTO, Charlene; BAPTISTA, Maria Luísa. (2014); *Espaço Cemiterial como Património e Atrativo Turístico*; XI Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), Universidade do Estado do Ceará;
- QUEIROZ, Francisco. (2007); *Os Cemitérios Históricos e o Seu Potencial Turístico em Portugal*; Revista 21 Gramas, nº1;
- QUEIROZ, Francisco. (2009); *Iconografia e Fontes de Inspiração: Imagem e Memória da Gravura Europeia*; Actas do 3º Colóquio de Artes Decorativas da Escola Superior de Artes Decorativas;
- QUINTERO, Montilla.(2009); *Una contribucion para el dialogo intercultural: alguna interpretaciones en torno a la cosmovision amerindia*. Utopía y praxis latino- americana;
- REIS, Carlos. (2015); *Diálogos com José Saramago*; Porto Editora;
- RELATÓRIO MUNDIAL DA UNESCO. (2009); *Investir na Diversidade Cultural e no Diálogo Intercultural*; UNESCO;
- ROBINSON, David; KOONTZ, Dean. (1996). *Beautiful Death: Art of the Cemetery*; Pinguin Books USA Inc.;
- SABARIEGO, Marta.(2002);*La Educación Intercultural – Ante los retos del siglo XXI*; Colección Aprender a Ser;
- SANTOS, Amanda. (2016); *Tumbas Cadáveres: a materialidade da memória e a transição do mundo dos vivos ao mundo dos mortos*; RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, Vol.2;
- SANTOS, Boaventura de Sousa.(1994); *Modernidade, identidade e a cultura de fronteira*; Tempo Social. Rev. Sociol. USP. S. Paulo;
- SANTOS, Boaventura de Sousa.(2003); *Um Discurso sobre as Ciências*; Edições Afrontamento. 14º Ed.;
- SARAIVA, António José. (1993); *O que é a cultura?*; Lisboa: Difusão Cultural;

- SILVA, Agostinho da. (1999); *Textos e Ensaios Filosóficos*; Org. de Paulo A.E. Borges, Lisboa. Âncora/ Círculo de Leitores. 2 Vols.;
- SILVA, Elsa Peralta da. (2000); *Património e Identidade. Os desafios do Turismo Cultural*. Universidade Técnica de Lisboa. ANTHROPOLógicas, Nº4;
- SILVA, Maria J. Albuquerque da; BRANDIM, Maria R. Lima. (2008); *Multiculturalismo e Educação: em defesa da diversidade cultural.*;
- SILVA, José Custódio Vieira da. (2003); *Memória e Imagem: Reflexões sobre Escultura Tumular Portuguesa (Séculos XII e XV)*; Prova Académica de Agregação; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas; Universidade Nova de Lisboa;
- SILVA, José Custódio Vieira da; MIRANDA, Maria Adelaide. (2009); *Almas de Pedra – Escultura Tumular: Da Criação à Musealização*; Revista de História da Arte nº7; Universidade Nova de Lisboa;
- SOUSA, D. Gonçalo de Vasconcelos e. (1994); *Ser e Estar Perante a Morte no Porto dos Séculos XIX e XX: Reflexos no Património Cemiterial*; Revista Lusitânea Sacra, nº6, 2ª Série;
- SPRINGER, Kalina Salaib; PÉREZ, Mercedes Solá. (2005); *CEMITÉRIOS: Desvendando Os Espaços Da Morte e Seus Signos*; Universidade Federal do Paraná;
- UNESCO. (2002); *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural.*;
- VALENTE, A. L. (1999); *Educação e diversidade cultural: um desafio da atualidade*. São Paulo. Moderna;
- VÁSQUEZ, Guillermo Hoyos.(2010); *Educación y Ética para una Ciudadanía Cosmopolita.*;

PÁGINAS DA INTERNET

- Cemitério Agramonte: www.visitporto.travel / www.oportoencanta.com / ruasdoporto.blogspot.com [Consultados em Agosto de 2017].
- Cemitério Bonaventure: www.touristlink.com.br / pt.insider.pro [Consultados em Agosto de 2017].
- Cemitério De La Recoleta: guia.melhoresdestinos.com.br / vanderdissenha.wordpress.com [Consultados em Agosto de 2017].
- Cemitério Des Rois: viagens.e-monsite.com [Consultado em Agosto de 2017].
- Cemitério Eternitatea: pt.foursquare.com [Consultado em Agosto de 2017].
- Cemitério Kerepesi: www.touristlink.com.br / aceliavaiparabudapeste.blogspot.pt [Consultados em Agosto de 2017].
- Cemitério da Lapa: www.visitporto.travel / amaroporto.blog.sapo.pt [Consultados em Agosto de 2017].
- Cemitério Mirogoj: viajarporquesim.blogs.sapo.pt [Consultado em Agosto de 2017].
- Cemitério Monumental de Milão: www.oguiademilao.com [Consultado em Agosto de 2017].
- Cemitério Monumental de Staglieno: marteeparaosfracos.blogspot.pt [Consultado em Agosto de 2017].
- Cemitério Norra Begravninsplatsen: www.stockholm.se [Consultado em Agosto de 2017].
- Cemitério Père-Lachaise: www.diretodeparis.com [Consultado em Agosto de 2017].

- Cemitério Poblenou: www.soldebarcelona.es [Consultado em Agosto de 2017].
- Cemitério Powazki: www.touristlink.com.br [Consultado em Agosto de 2017].
- Cemitério Prado do Repouso: visitporto.travel / ruasdoporto.blogspot.pt / www.explorebonfim.com / www.cm-porto.pt [Consultados em Agosto de 2017].
- Cemitério São João Batista: oglobo.globo.com [Consultado em Agosto de 2017].
- Cemitério São Joaquim: ionline.sapo.pt / fredricks.de [Consultados em Agosto de 2017].
- Cemitério Schaerbeek: www.touristlink.com.br / lugaresquefazer.com [Consultados em Agosto de 2017].
- Cemitério Vysehrad: virtual-journeys.com [Consultado em Agosto de 2017].
- Turismo do Porto e Norte: www.portoenorte.pt [Consultado em Abril de 2017].
- UNESCO Portugal: www.unescoportugal.mne.pt [Consultado várias vezes].
- UNESCO World Heritage Center: whc.unesco.org [Consultado várias vezes].
- UNWTO, W. T. O. Organização Mundial do Turismo: <http://www2.unwto.org/> [Consultado em Abril de 2017].
- WIKIPÉDIA: www.wikipedia.org / pt.wikipedia.com [Consultados várias vezes].

9. ANEXOS

ÍNDICE DE ANEXOS:

- Anexo 1 – Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural da Representação Cemiterial de Cristo
- Anexo 2 - Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural da Representação Cemiterial de Anjos
- Anexo 3 - Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural da Representação Cemiterial da Mulher
- Anexo 4 - Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural da Representação Cemiterial de Bustos
- Anexo 5 - Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural de Esculturas Tumulares
- Anexo 6 - Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural de Alto-Relevo Cemiterial
- Anexo 7 - Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural de Jazigos Comuns
- Anexo 8 - Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural de Jazigos de Ferro Forjado
- Anexo 9 - Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural de Jazigos Ajardinados
- Anexo 10 - Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural de Mausoléus
- Anexo 11 - Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural Ruas Cemiteriais Ajardinadas
- Anexo 12 - Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural de Cemitérios-Jardim

ANEXO 1

Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural da Representação Cemiterial de Cristo.



Figura 3 – Portugal, Porto, Cemitério da Lapa. Fotografia de autora



Figura 4 – Argentina, Buenos Aires, Cemitério La Recoleta, Fotografia de Guido Lisioli



Figura 5 – Bruxelas, Bélgica, Cemitério Schaerbeek,
Fotografia retirada do website: lugaresquefazer.com



Figura 6 – Croácia, Zagrebe, Cemitério Mirogoj,
Fotografia retirada do Website: dreamstime.com



Figura 7 – Espanha. Barcelona, Cemitério Poblenou, Fotografia retirada do website: Públicoonline.pt



Figura 8 – Estados Unidos da América, Savannah, Cemitério Bonaventure, Fotografia retirada do website: viator.com



Figura 9 – França, Paris, Cemitério Père-Lachaise, Fotografia retirada do website: diretodeparis.com



Figura 10 – Hungria, Budapeste, Cemitério Kerepesi, Fotografia retirada do website: lifeextreme.com



Figura 11 – Polónia, Varsóvia, Cemitério Powazki, Fotografia retirada do website: wikipedia.org



Figura 12 – Suécia, Estocolmo, Cemitério Norra Begravningsplatsen, Fotografia retirada do website: hiveminer.com.

ANEXO 2

Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural da Representação Cemiterial de Anjos.



Figura 14 – Portugal, Porto. Cemitério de Agramonte. Fotografia retirada do website: publico.pt



Figura 15 – Portugal, Porto. Cemitério da Lapa. Fotografia retirada do website: visitporto.travel



Figura 16 – Portugal, Porto. Cemitério Prado do Repouso. Fotografia retirada do website: visitporto.travel



Figura 17 – Argentina, Buenos Aires. Cemitério La Recoleta. Fotografia de autoria de Guido Lisioli



Figura 18 – Portugal, Açores. Cemitério de São Joaquim. Fotografia retirada do website: fredriks.de



Figura 19 – Brasil, Rio de Janeiro. Cemitério de São João Batista. Fotografia retirada do blogspot: sopanomel.blogspot.br



Figura 20 – Bruxelas, Bélgica. Cemitério de Schaerbeek. Fotografia retirada do website: lugaresquefazer.com



Figura 21 – Croácia, Zagrebe. Cemitério Mirogoj. Fotografia retirada do website: depositphotos.com



Figura 22 – Espanha, Barcelona. Cemitério Poblenou. Fotografia retidada do website: soldebarcelona.es



Figura 23 – Estados Unidos da América, Savannah. Cemitério Bonaventure. Fotografia retirada do website: pinterest.com



Figura 24 – França, Paris. Cemitério Père-Lachaise. Fotografia retirada do website: diretodeparis.com



Figura 25 – Hungria, Budapeste. Cemitério de Kerepesi. Fotografia retirada do website: pinterest.com



Figura 26 – Inglaterra, Londres. Cemitério Highgate. Fotografia retirada do website: londoncemeteries.co.uk



Figura 27 – Inglaterra, Londres. Cemitério Kensal Green. Fotografia retirada do website: londoncemeteries.co.uk



Figura 28 – Itália, Génova. Cemitério Monumental de Staglieno. Fotografia retirada do blogspot: bewitchingaround.blogspot.com



Figura 29 – Noruega, Oslo. Cemitério Var Frelsers. Fotografia retirada do website: mapio.net



Figura 30 – Polónia, Varsóvia. Cemitério Powazki. Fotografia retirada do website: depositphotos.com



Figura 31 – República Checa, Praga. Cemitério Vysehrad. Fotografia retirada do website: depositphotos.com



Figura 32 – Roménia, Moldávia. Cemitério Eternitatea. Fotografia retirada do website: foursquare.com



Figura 33 – Suécia, Estocolmo. Cemitério Norra Begravningsplatsen. Fotografia retirada do blogspot: jennysutflykter.blogspot.com

ANEXO 3

Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural da Representação Cemiterial da Mulher.



Figura 35 – Portugal, Porto. Cemitério de Agramonte. Fotografia retirada do website: visitporto.pt



Figura 36 – Portugal, Porto. Cemitério da Lapa. Fotografia retirada do website: tripadvisor.com



Figura 37 – Portugal, Porto. Cemitério Prado do Repouso. Fotografia retirada do blogspot: antoniopereireafotografia.blogspot.com



Figura 38 – Alemanha, Munique. Cemitério Alter Südfriedhof. Fotografia retirada do website: wikipedia.org



Figura 39 – Argentina, Buenos Aires. Cemitério La Recoleta. Fotografia de autoria de Guido Lisioli



Figura 40 –Áustria, Viena. Cemitério Grizinger Friedhof. Fotografia retirada do website: derschwarzeplanet.de



Figura 41 – Croácia, Zagrebe. Cemitério Mirogoj. Fotografia retirada do blogspot: viajarporquesim.blogspot.sapo.pt



Figura 42 – Estados Unidos da América, Savannah. Cemitério Bonaventure. Fotografia retirada do website: [pinterest.com](https://www.pinterest.com)



Figura 43 – França, Paris. Cemitério Père-Lachaise. Fotografia retirada do website: diretodeparis.com



Figura 44 – Inglaterra, Londres. Cemitério Highgate. Fotografia retirada do website: londoncemeteries.co.uk



Figura 45 – Inglaterra, Londres. Cemitério Kensal Green. Fotografia retirada do website: londoncemeteries.co.uk



Figura 46 – Itália, Génova. Cemitério Monumental de Staglieno. Fotografia retirada do blogspot: bewitchingaround.blogspot.com



Figura 47 –Itália, Milão. Cemitério Monumental de Milão. Fotografia retirada do website: historiadospuncocero.com



Figura 48 – República Checa, Praga. Cemitério Vysehrad. Fotografia retirada do website: virtusljourneys.com



Figura 49 – Roménia, Moldávia. Cemitério Eternitatea. Fotografia retirada do website: foursquare.com



Figura 50 – Rússia, Moscovo. Cemitério Novodevichy. Fotografia retirada do website: dreamstime.com

ANEXO 4

Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural da Representação Cemiterial de Bustos.



Figura 52 – Portugal, Porto. Cemitério Prado do Repouso. Fotografia retirada do website da Câmara Municipal do Porto



Figura 53 – Alemanha, Munique. Cemitério Alter Südfriedhof. Fotografia retirada do website: wikipedia.org



Figura 54 – Argentina, Buenos Aires. Cemitério La Recoleta. Fotografia retirada do blogspot: airesbuenosblog.com



Figura 55 – Croácia, Zagrebe. Cemitério Mirogoj. Fotografia retirada do website: [tripadvisor.com](https://www.tripadvisor.com)



Figura 56 – Espanha, Barcelona. Cemitério Poblenou. Fotografia retirada do website: [soldebarcelona.es](https://www.soldebarcelona.es)



Figura 57 – França, Paris. Cemitério Père-Lachaise. Fotografia retirada do website: diretodeparis.com



Figura 58 – Inglaterra, Londres. Cemitério Highgate. Fotografia retirada do website: wikipedia.org



Figura 59 – Noruega, Oslo. Cemitério Vår Frelser. Fotografia retirada do website: wikipedia.org



Figura 60 – República Checa, Praga. Cemitério Vysehrad. Fotografia retirada do website: virtusljourneys.com



Figura 61 – Roménia, Moldávia. Cemitério Eternitatea. Fotografia retirada do website: wikipedia.org



Figura 62 – Rússia, Moscovo. Cemitério Novodevichy. Fotografia retirada do website: wikipedia.org

ANEXO 5

Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural de Esculturas Tumulares.



Figura 64 – Portugal, Porto. Cemitério de Agramonte. Fotografia retirada do blogspot: taphophilia.blogspot.com



Figura 65 – Portugal, Porto. Cemitério da Lapa. Fotografia retirada do website: oportocanta.com



Figura 66 – Portugal, Porto. Cemitério Prado do Reposo. Fotografia retirada do blogspot: antoniopereireafotografia.blogspot.com



Figura 67 – Alemanha, Munique. Cemitério Alter Südfriedhof. Fotografia retirada do website: wikipedia.org



Figura 68 – Argentina, Buenos Aires. Cemitério La Recoleta. Fotografia da autoria de Guido Lisioli



Figura 69 – Brasil, Rio de Janeiro. Cemitério São João Batista. Fotografia retirada pelo website: oglobo.oglobo.com



Figura 70 – Croácia, Zagrebe. Cemitério Mirogoj. Fotografia retirada do blog: viajarporquesim.blogs.sapo.pt



Figura 71 – Estados Unidos da América, Savannah. Cemitério Bonaventure. Fotografia retirada do website: [pinterest.com](https://www.pinterest.com)



Figura 72 – França, Paris. Cemitério Père-Lachaise. Fotografia retirada do website: diretodeparis.com



Figura 73 – Inglaterra, Londres. Cemitério Highgate. Fotografia retirada do website: queromedeo.com.br



Figura 74 – Inglaterra, Londres. Cemitério Kensal Green. Fotografia retirada do website: queromedeo.com.br



Figura 75 – Itália, Milão. Cemitério Monumental de Milão. Fotografia retirada do website: oguiademilao.com



Figura 76 – Itália, Génova. Cemitério Monumental de Staglieno. Fotografia retirada do website: staglieno.com



Figura 77 – Polónia, Varsóvia. Cemitério Powazki. Fotografia retirada do website: wikipedia.org.



Figura 78 – República Checa, Praga. Cemitério Vysehrad. Fotografia retirada pelo website: virtusljourneys.com



Figura 79 – Roménia, Moldávia. Cemitério Eternitatea. Fotografia retirada do website: wikipedia.org



Figura 80 – Rússia, Moscovo. Cemitério Novodevichy. Fotografia retirada do website: wikipedia.org



Figura 81 – Suécia, Estocolmo. Cemitério Norra Begravningsplatsen. Fotografia retirada do website: hiveminer.com

ANEXO 6

Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural de Alto-
Relevo Cemiterial.



Figura 83 – Portugal, Porto. Cemitério de Agramonte. Fotografia retirada do website: flickr.com



Figura 84 – Portugal, Porto. Cemitério Prado do Repouso. Fotografia retirada do blogspot: ruasdoporto.blogspot.com



Figura 85 – Portugal, Açores. Cemitério de São Joaquim. Fotografia retirada do website: statuesvandrekt.net



Figura 86 – Alemanha, Munique. Cemitério Alter Südfriedhof. Fotografia retirada do website: wikipedia.org



Figura 87 – Argentina, Buenos Aires. Cemitério La Recoleta. Fotografia da autoria de Guido Lisioli



Figura 88 – Àustria, Viena. Cemitério Grinzinger Friedhof. Fotografia retirada pelo website: [wikimediacommons.org](https://commons.wikimedia.org)



Figura 89 – Bruxelas, Bélgica. Cemitério Schaerbeek. Fotografia retirada do website : lugaresquefazer.com



Figura 90 – Estados Unidos da América, Savannah. Cemitério Bonaventure. Fotografia retirada do website: pinterest.com



Figura 91 – França, Paris. Cemitério Père-Lachaise. Fotografia retirada do website: diretodeparis.com



Figura 92 – Hungria, Budapeste. Cemitério Kerepesi. Fotografia retirada do website: wikivisually.com



Figura 93 – Inglaterra, Londres. Cemitério Highgate. Fotografia retirada do website: londoncemeteries.com.uk



Figura 94 – Inglaterra, Londres. Cemitério Kensal Green. Fotografia retirada do website: londoncemeteries.com.uk



Figura 95 – Itália, Génova. Cemitério Monumental de Staglieno. Fotografia retirada do blogspot: bewitchingaround.blogspot.com



Figura 96 – Noruega, Oslo. Cemitério VårFrelzers. Fotografia retirada do website: yelp.pt



Figura 97 – Polónia, Varsóvia. Cemitério Powazki. Fotografia retirada do website: depositphotos.com



Figura 98 – Rússia, Moscovo. Cemitério Novodevichy. Fotografia retirada do website: touristlink.com.br



Figura 99 – Suíça, Genebra. Cemitério des Rois. Fotografia retirada do website: foursquare.com

ANEXO 7

Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural de Jazigos Comuns.



Figura 101 – Portugal, Porto. Cemitério de Agramonte. Fotografia retirada do blogspot: amaroportoblogspot.com



Figura 102 – Portugal, Porto. Cemitério da Lapa. Fotografia retirada do website do Portal Oficial do Turismo do Porto.



Figura 103 – Portugal, Porto. Cemitério Prado do Repouso. Fotografia retirada do blogspot: andanho.blog.sapo.pt



Figura 104 – Portugal, Açores. Cemitério de São Joaquim. Fotografia retirada da página oficial do Facebook deste cemitério, imagem da autoria de Nelson Andrade



Figura 105 – Áustria, Viena. Cemitério Grinzinger Friedhof. Fotografia retirada do website: meinbezirk.at



Figura 106 – Brasil, Rio de Janeiro. Cemitério São João Batista. Fotografia retirada do website: googlestreetview.com



Figura 107 – Bruxelas, Bélgica. Cemitério de Schaerbeek. Fotografia retirada pelo website: lugaresquefazer.com



Figura 108 – Croácia, Zagrebe. Cemitério Mirogoj. Fotografia retirada do website : depositphotos.com



Figura 109 – Estados Unidos da América, Savannah. Cemitério Bonaventure. Fotografia retirada do website: pureviagem.com



Figura 110 – França, Paris. Cemitério Père-Lachaise. Fotografia retirada do website: diretodeparis.com



Figura 111 – Hungria, Budapeste. Cemitério Kerepesi. Fotografia retirada do website: wikipedia.org



Figura 112 – Inglaterra, Londres. Cemitério Highgate. Fotografia retirada do website: wikipedia.org



Figura 113 – Inglaterra, Londres. Cemitério Kensal Green. Fotografia retirada do website: londoncemeteries.com.uk



Figura 114 – Itália, Milão. Cemitério Monumental de Milão. Fotografia retirada do website: 123rf.com



Figura 115 – Noruega, Oslo. Cemitério Vår Frelses. Fotografia retirada do website: mapio.net



Figura 116 – Polónia, Varsóvia. Cemitério Powazki. Fotografia retirada do website: wikipedia.org



Figura 117 – República Checa, Praga. Cemitério Vysehrad. Fotografia retirada do website: virtusljourneys.com.



Figura 118 – Roménia, Moldávia. Cemitério Eternitatea. Fotografia retirada da página oficial do Facebook deste cemitério, fotografia da autoria de Ilie Mihaela Gabriela.



Figura 119 – Rússia, Moscovo. Cemitério Novodevichy. Fotografia retirada do website: wikipedia.org



Figura 120 – Suíça, Genebra. Cemitério des Rois. Fotografia retirada do website: foursquare.com

ANEXO 8

Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural de Jazigos de Ferro Forjado.



Figura 122 – Portugal, Porto. Cemitério de Agramonte. Fotografia retirada do website: hiveminer.com



Figura 123 – Portugal, Porto. Cemitério da Lapa. Fotografia retirada do website: olx.pt.



Figura 124 – Portugal, Açores. Cemitério de São Joaquim. Fotografia retirada do website: fredricks.de



Figura 125 – Áustria, Viena. Cemitério Grinzinger Friedhof. Fotografia retirada do website: viennatouristguide.at



Figura 126 – Espanha, Barcelona. Cemitério Poble Nou. Fotografia retirada do website: alamy.com



Figura 129 – Estados Unidos da América, Savannah. Cemitério Bonaventure. Fotografia retirada do website: insider.com



Figura 130 – França, Paris. Cemitério Père-Lachaise. Fotografia retirada do website: dretodeparis.com



Figura 131 – Hungria, Budapeste. Cemitério Kerepesi. Fotografia retirada do website: wikipedia.org



Figura 132 – Inglaterra, Londres. Cemitério Kensal Green. Fotografia retirada do website: londoncemeteries.com.uk



Figura 134 – Itália, Milão. Cemitério Monumental de Milão. Fotografia retirada do website: dreamstime.com



Figura 135 – Rússia, Moscovo. Cemitério Novodevichy. Fotografia retirada do website: wikipedia.org



Figura 136 – Suécia, Estocolmo. Cemitério Norra Begravningsplatsen. Fotografia retirada do website: hiveminer.com.



Figura 137 – Suíça, Genebra. Cemitério des Rois. Fotografia retirada do website: wikipedia.org

ANEXO 9

Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural de Jazigos Ajardinados.



Figura 140 – Portugal, Porto. Cemitério Prado do Reposo. Fotografia retirada do website: necropolis.pt



Figura 141 – Portugal, Açores. Cemitério de São Joaquim. Fotografia retirada do website: mapio.net.



Figura 142 – Alemanha, Heidelberg. Cemitério Bergfriedhof. Fotografia retirada do website: novojardim.com



Figura 143 – Alemanha, Munique. Cemitério Alter Südfriedhof. Fotografia retirada do website: wikipedia.org

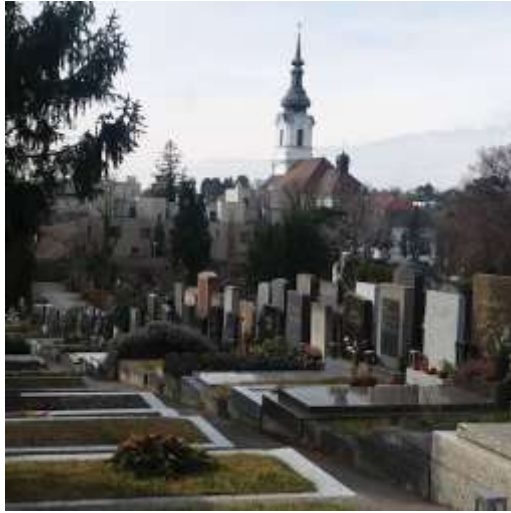


Figura 144 – Áustria, Viena. Cemitério Grinzinger Friedhof. Fotografia retirada do blogspot: challengingartsandcrafts.blogspot.com



Figura 145 – Croácia, Zagrebe. Cemitério Mirogoj. Fotografia retirada do website : tripadvisor.com



Figura 146 – Estados Unidos da América, Savannah. Cemitério Bonaventure. Fotografia retirada do website: [ppinterest.com](https://www.pinterest.com)



Figura 147 – Hungria, Budapeste. Cemitério Kerepesi. Fotografia retirada do website: [wikipedia.org](https://www.wikipedia.org)



Figura 148 – Inglaterra, Londres. Cemitério Kensal Green. Fotografia retirada do website: [wikipedia.org](https://www.wikipedia.org)



Figura 149 – Itália, Milão. Cemitério Monumental de Milão. Fotografia retirada do blogspot: beyoubeinlyon.blogspot.com



Figura 150 – Noruega, Oslo. Cemitério Vår Frelses. Fotografia retirada do website: mapio.net



Figura 151 – República Checa, Praga. Cemitério Vysehrad. Fotografia retirada do website: depositphotos.com.



Figura 152 – Rússia, Moscovo. Cemitério Novodevichy. Fotografia retirada do website: wikipedia.org



Figura 153 – Suécia, Estocolmo. Cemitério Norra Begravningsplatsen. Fotografia retirada do website: hiveminer.com.



Figura 154 – Suíça, Genebra. Cemitério des Rois. Fotografia retirada do blogspot: tumulosfamosos.blogspot.com

ANEXO 10

Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural de Mausoléus.



Figura 156 – Portugal, Porto. Cemitério de Agramonte. Fotografia retirada do website: flickr.com



Figura 157 – Portugal, Porto. Cemitério da Lapa. Fotografia retirada do website do Portal Oficial do Turismo do Porto.



Figura 158 – Portugal, Açores. Cemitério de São Joaquim. Fotografia retirada do website: mapio.net.



Figura 159 – Argentina, Buenos Aires. Cemitério La Recoleta. Fotografia da autoria de Guido Lisioli



Figura 160 – Croácia, Zagrebe. Cemitério Mirogoj. Fotografia retirada do blogspot: viajarporquesim.blog.sapo.pt



Figura 161 – Espanha, Barcelona. Cemitério Poblenou. Fotografia retirada do website: depositphotos.com.



Figura 162 – Estados Unidos da América, Savannah. Cemitério Bonaventure. Fotografia retirada do website: bonaventurehistorical.org



Figura 163 – França, Paris. Cemitério Père-Lachaise. Fotografia retirada do website: diretodeparis.com



Figura 164 – Hungria, Budapeste. Cemitério Kerepesi. Fotografia retirada do website: wikipedia.org



Figura 165 – Inglaterra, Londres. Cemitério Kensal Green. Fotografia retirada do website: londoncemeteries.com.uk



Figura 166 – Itália, Milão. Cemitério Monumental de Milão. Fotografia retirada do website: oguiademilao.com



Figura 167 – Suécia, Estocolmo. Cemitério Norra Begravningsplatsen. Fotografia retirada do website: [pinterest.com](https://www.pinterest.com).



Figura 168 – Suíça, Genebra. Cemitério des Rois. Fotografia retirada do website: foursquare.com

ANEXO 11

Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural de Ruas Cemiteriais Ajardinadas.



Figura 170 – Portugal, Porto. Cemitério de Agramonte. Fotografia retirada do website: triadvisor.com



Figura 171 – Portugal, Porto. Cemitério Prado do Repouso. Fotografia retirada do website da Câmara Municipal do Porto.



Figura 172 – Portugal, Açores. Cemitério de São Joaquim. Fotografia retirada do website: wikiloc.com.



Figura 173 – Alemanha, Heidelberg. Cemitério Bergfriedhof. Fotografia retirada do website: novojardim.com.



Figura 174 – Áustria, Viena. Cemitério GrinzingerFriedhof. Fotografia retirada do website: wikimediacommons.org



Figura 175 – Brasil, Rio de Janeiro. Cemitério São João Batista. Fotografia retirada do website: googlestreetview.com



Figura 176 – Croácia, Zagrebe. Cemitério Mirogoj. Fotografia retirada do website : tripadvisor.com



Figura 177 – Estados Unidos da América, Savannah. Cemitério Bonaventure. Fotografia retirada do website: pinterest.com



Figura 178 – França, Paris. Cemitério Père-Lachaise. Fotografia retirada do website: diretodeparis.com



Figura 179 – Inglaterra, Londres. Cemitério Highgate. Fotografia retirada do website: dreamstime.com



Figura 180 – Inglaterra, Londres. Cemitério Kensal Green. Fotografia retirada do website: wikipedia.org



Figura 181 – Itália, Milão. Cemitério Monumental de Milão. Fotografia retirada do website: youtube.com



Figura 182 – Polónia, Varsóvia. Cemitério Powazki. Fotografia retirada do website: touristlink.com.



Figura 183 – República Checa, Praga. Cemitério Vysehrad. Fotografia retirada do website: virtusljourneys.com.

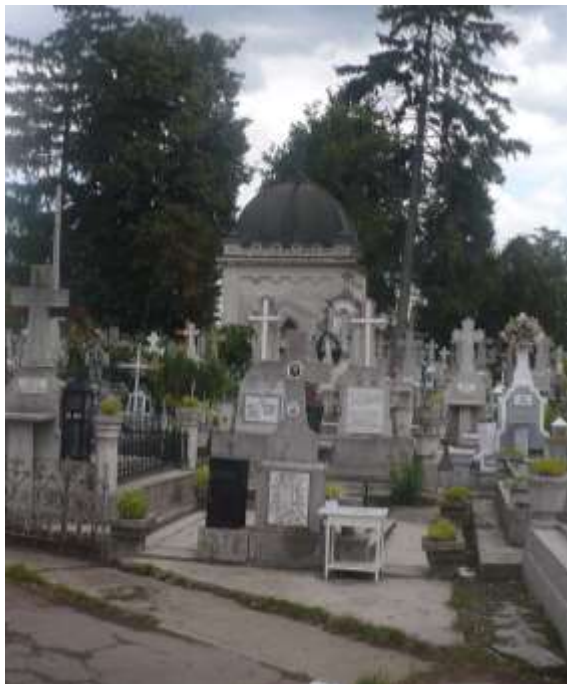


Figura 184 – Roménia, Moldávia. Cemitério Eternitatea. Fotografia retirada do website: wikipedia.org.



Figura 185 – Suíça, Genebra. Cemitério des Rois. Fotografia retirada do website: foursquare.com

ANEXO 12

Imagens representativas do Mapeamento sobre Diálogo Intercultural de Cemitérios-Jardim.



Figura 187 – Portugal, Porto. Cemitério de Agramonte. Fotografia retirada do website da Câmara Municipal do Porto



Figura 188 – Portugal, Porto. Cemitério Prado do Reposo. Fotografia retirada do website: tripadvisor.com



Figura 189 – Áustria, Viena. Cemitério Grinzinger Friedhof. Fotografia retirada do website: wikipedia.org



Figura 190 – Croácia, Zagrebe. Cemitério Mirogoj. Fotografia retirada do blogspot: viajarporquesim.blogspot.sapo.pt



Figura 191 – Estados Unidos da América, Savannah. Cemitério Bonaventure. Fotografia retirada do website: istock.com



Figura 192 – França, Paris. Cemitério Père-Lachaise. Fotografia retirada do website: diretodeparis.com



Figura 193 – Inglaterra, Londres. Cemitério Highgate. Fotografia retirada do website: sincep.com.br



Figura 194 – Inglaterra, Londres. Cemitério Kensal Green. Fotografia retirada do website: londoncemeteries.com.uk



Figura 195 – Itália, Génova. Cemitério monumental de Staglieno. Fotografia retirada do website: fatosdesconhecidos.com.br



Figura 196 – Itália, Milão. Cemitério Monumental de Milão. Fotografia retirada do website: dreamstime.com



Figura 197 – Noruega, Oslo. Cemitério Vår Frelser. Fotografia retirada do website: mapio.net



Figura 198 – República Checa, Praga. Cemitério Vysehrad. Fotografia retirada do website: virtusljourneys.com.



Figura 199 – Suécia, Estocolmo. Cemitério Norra Begravningsplatsen. Fotografia retirada do website: hiveminer.com.



Figura 200 – Suíça, Genebra. Cemitério des Rois. Fotografia retirada do website: brasildelonge.com

NM